

ARQUIVOS
DA
FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA
DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



VOLUME 17
1963

Arq. Fac. Hig. (S. Paulo)

vol. 17

n.º 1 - 2

jul. - dez. 1963

SUMÁRIO DO VOLUME 17

N.º 1 — Julho, 1963

Número em homenagem ao Professor Geraldo Horácio de Paula Souza

	<i>Páginas</i>
DEDICATÓRIA	3
DISCURSOS PROFERIDOS NA SOLENIDADE REALIZADA NA FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA EM HOMENAGEM AO PROFESSOR GERALDO HORÁCIO DE PAULA SOUZA POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DE SUA HERMA, EM 18 DE FEVEREIRO DE 1963 :	
Discurso inaugural pelo Prof. Alvaro Guimarães Filho, Diretor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP	9-11
Aula inaugural dos cursos de 1953 pelo Prof. Jorge Americano	12-16
Discurso do Prof. Hilário Veiga de Carvalho, representante da Congregação dos Professores da Faculdade de Medicina da USP	21-22
Discurso do Eng.º Armando de Virgilis, representante do IDORT	23-26
Discurso de d. Maria de Lourdes Fairbanks de Sá, presidente da Associação de Educadoras Sanitárias de São Paulo	27-28
Discurso do Prof. Vicente de Sampáio Lara, representante da Congregação dos Professores da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP	29-37
DISCURSO PROFERIDO PELO PROFESSOR ASSOCIADO RUBENS AZZI LEAL NA CERIMÔNIA DO 12.º ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DO PROF. GERALDO HORÁCIO DE PAULA SOUZA, EM 2-5-63	41-44
PAULA SOUZA, O SANITARISTA SOCIAL — PALÉSTRA PROFERIDA PELO PROF. RODOLFO DOS SANTOS MASCARENHAS NO DEPARTAMENTO DE HIGIENE E MEDICINA TROPICAL DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA (Transcrito dos <i>Anais de Enfermagem</i> , 4 (3): 231-240, jul. 1951)	51-58
HOMMAGE RENDU AU DR DE PAULA SOUZA (prestada pelos delegados à 4.ª Assembléia Mundial de Saúde, iniciada a 7 de maio de 1951 em Genebra. (Fac-simile da <i>Chronique de l'Organisation Mondiale de la Santé</i> , 5 (7/8): 212-213, agô. 1951)	61-62
FAC-SIMILES DE CARTAS DE EMINENTES SANITARISTAS E HOMENS PÚBLICOS, ENVIADAS POR OCASIÃO DO FALECIMENTO DE GERALDO HORÁCIO DE PAULA SOUZA	63-79
FAC-SIMILES DE DOCUMENTOS REFERENTES AOS PRIMÓRDIOS DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE	81-99
BIBLIOGRAFIA DO HOMENAGEADO	103-108
ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES	109

JOHN LANE: ORAÇÃO PROFERIDA NA FACULDADE DE HIGIENE DA USP. IN MEMORIAM — Oswaldo Paulo Forattini	113
BIBLIOGRAFIA CIENTÍFICA DE JOHN LANE	117
DA INEFICÁCIA DA ADMINISTRAÇÃO DA PROCAÍNA, SULFADIAZINA, ÁCIDO p-AMINOBENZÓICO E ÁCIDO p-AMINOBENZÓICO OXIDADO, NA SOBREVIDA DE CAMUNDONGOS FÊMEAS — Dorival F. Ribeiro, Walter Sidney Leser, Francisco A. Cardoso, Helena Alba P. C. S. Baldo	125
REVISÃO DE DADOS DA EPIDEMIOLOGIA E ETIOLOGIA DO SARAMPO E SUBSÍDIOS PARA A VACINAÇÃO CONTRA A DOENÇA — Ricardo Veronesi, Ary Walter Schmid, Roberto de A. Moura, Renato P. S. Carvalho, Waldemar A. Zuccas, Mário Camargo	135
NOTAS SOBRE CULICIDAE (DIPTERA). 5 — Observações sobre a evolução de cinco espécies, em condições de laboratório, com a descrição de alguns ovos — Oswaldo P. Forattini, N. R. Bianchini, J. P. de Bianchini e E. X. Rabello	205
SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DO QUOCIENTE DE DOIS COEFICIENTES — Rubens Murillo Marques	217
NÍVEIS DE AUTORIDADE — CENTRAL, REGIONAL E LOCAL — NOS PROGRAMAS DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL — Rodolfo dos Santos Mascarenhas	223
A PROFESSORA PRIMÁRIA, O ESCOLAR E A EDUCAÇÃO SANITÁRIA — Rodolfo dos Santos Mascarenhas	241
CONTRIBUIÇÃO DO PLANEJAMENTO SÓCIO-ECONOMICO E DO DESENVOLVIMENTO E ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARA SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO BAIXO NÍVEL SANITÁRIO — Rodolfo dos Santos Mascarenhas	251
UM PROGRAMA DE MEDICINA PREVENTIVA PARA ESCOLAS DE MEDICINA — Rodolfo dos Santos Mascarenhas, Donald Wilson, Geraldo P. Bourroul	265
ESTUDO DE AVALIAÇÃO DA SECCÃO DENTÁRIA DO CENTRO DE APRENDIZADO URBANO DA FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA DA USP: ANÁLISE QUANTITATIVA DO TRABALHO REALIZADO NOS ANOS DE 1959 a 1962 — Luiz Octávio C. Guimarães	283
ATIVIDADES EM PSICOLOGIA — Helena Savastano	299

Os ARQUIVOS, órgão oficial da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, são editados semestralmente sob a orientação da Comissão de Biblioteca.

Solicita-se permuta

Exchange is kindly solicited

Man bittet um Austausch

On prie l'échange

Se solicita el cange

Si prega l'intercambio

Tôda correspondência deverá ser dirigida a :

“Arquivos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo”, Caixa Postal, 8099, São Paulo, Brasil.

ARQUIVOS
DA
FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA
DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Número em homenagem ao
Professor Geraldo Horácio de Paula Souza

C O N T E Ú D O

	<i>Páginas</i>
DEDICATÓRIA	3
DISCURSOS PROFERIDOS NA SOLENIDADE REALIZADA NA FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA EM HOMENAGEM AO PROFESSOR GERALDO HORÁCIO DE PAULA SOUZA POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DE SUA HERMA, EM 18 DE FEVEREIRO DE 1963 :	
Discurso inaugural pelo Prof. Álvaro Guimarães Filho, Diretor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP	9-11
Aula inaugural dos cursos de 1963 pelo Prof. Jorge Americano	12-16
Discurso do Prof. Hilário Veiga de Carvalho, representante da Congregação dos Professores da Faculdade de Medicina da USP	21-22
Discurso do Eng.º Armando de Virgilis, representante do IDORT	23-26
Discurso de d. Maria de Lourdes Fairbanks de Sá, presidente da Associação de Educadoras Sanitárias de São Paulo	27-28
Discurso do Prof. Vicente de Sampaio Lara, representante da Congregação dos Professores da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP	29-37
DISCURSO PROFERIDO PELO PROFESSOR ASSOCIADO RUBENS AZZI LEAL NA CERIMÔNIA DO 12.º ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DO PROF. GERALDO HORÁCIO DE PAULA SOUZA, EM 2-5-63	41-44
PAULA SOUZA, O SANITARISTA SOCIAL — PALESTRA PROFERIDA PELO PROF. RODOLFO DOS SANTOS MASCARENHAS NO DEPARTAMENTO DE HIGIENE E MEDICINA TROPICAL DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA (Transcrito dos <i>Anais de Enfermagem</i> , 4 (3): 231-240, jul. 1951)	51-58
HOMMAGE RENDU AU DR DE PAULA SOUZA (prestada pelos delegados à 4.ª Assembléia Mundial de Saúde, iniciada a 7 de maio de 1951 em Genebra. (Fac-simile da <i>Chronique de l'Organisation Mondiale de la Santé</i> , 5 (7/8): 212-213, agô. 1951)	61-62
FAC-SIMILES DE CARTAS DE EMINENTES SANITARISTAS E HOMENS PÚBLICOS, ENVIADAS POR OCASIÃO DO FALECIMENTO DE GERALDO HORÁCIO DE PAULA SOUZA	63-79
FAC-SIMILES DE DOCUMENTOS REFERENTES AOS PRIMÓRDIOS DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE	81-99
BIBLIOGRAFIA DO HOMENAGEADO	103-108
ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES	109

Os ARQUIVOS, órgão oficial da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, são editados semestralmente sob a orientação da Comissão de Biblioteca.

<i>Solicita-se permuta</i> <i>Exchange is kindly solicited</i> <i>Man bittet un Austausch</i>		<i>On prie l'échange</i> <i>Se solicita el cange</i> <i>Si prega l'intercambio</i>
---	--	--

Tôda correspondência deverá ser dirigida a :

“Arquivos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Caixa Postal 8099, São Paulo, Brasil.

HOMENAGEM



PROF. GERALDO HORÁCIO DE PAULA SOUZA

★ 5-7-1889

† 2-5-1951

Disraeli, o lúcido ministro da Rainha Vitória da Grã-Bretanha, já afirmava que a saúde pública devia constituir o primeiro cuidado do homem de Estado.

Geraldo Horácio de Paula Souza, homem público, elevou ao máximo este conceito, tornando-se um paladino da saúde.

Desfraldou sua bandeira em nossa Terra, onde realizou memoráveis campanhas sanitárias, e levou-a às lições internacionais, pois considerava a saúde como “uma das esperanças mais promissoras da humanidade, um denominador comum entre os povos, o verdadeiro arquiteto da liberdade e do progresso”.

Na Conferência de São Francisco, como delegado do Brasil e chefe da Divisão de Contrôlo Epidemiológico da UNRRA, propôs que a palavra *saúde* fosse introduzida na Carta das Nações Unidas. Recomendou, também, apoiado pelo representante da China, que fosse convocada uma conferência tendo em vista uma organização internacional de saúde. Assim originou-se a OMS e com ela a mais dinâmica e filantrópica das cruzadas internacionais.

Paula Souza multiplicou sua energia e tornou redivivo seu ideal através do ensino. Primeiro professor catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo, transformou o Instituto de Higiene a ela anexo em escola de saúde pública e, mais tarde, em Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Seus discípulos, médicos, engenheiros, dentistas, administradores de hospitais, veterinários, educadoras sanitárias, nutricionistas, inspetores sanitários, entomólogos, técnicos de laboratório, seguem hoje a meta cívica e humanitária do Mestre: a valorização do homem pela saúde.

Os ARQUIVOS DA FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA com este número prestam reverente homenagem a seu fundador.

DISCURSOS PROFERIDOS NA SOLENIDADE REALI-
ZADA NA FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA
DA USP EM HOMENAGEM A GERALDO HORÁCIO DE
PAULA SOUZA, POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DE
SUA HERMA, A 18 DE FEVEREIRO DE 1963



Fig. 1 — Inauguração da herma do Professor Geraldo H. de Paula Souza, na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP, em 18 de fevereiro de 1963.

(Da direita para a esquerda) Magnífico Reitor, Professor Antônio de Ulhôa Cintra; dona Pérola Bygnton, fundadora e Presidente da Cruzada Pró-Infância; Professor Álvaro Guimarães Filho, Diretor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública; Prof. Benjamim Alves Ribeiro, Catedrático de Higiene do Trabalho, e Vice-Diretor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP; dona Evangelina de Paula Souza e Professor Lucas de Assumpção.

(Clichê fornecido pelo jornal «A Gazeta», por gentileza de dr. Pedro Monteleone).

DISCURSO INAUGURAL PELO PROFESSOR ÁLVARO GUTMARÃES FILHO*

Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo,

Professor Antônio de Ulhôa Cintra,

Exma Sra. d. Evangelina de Paula Souza,

Senhores representantes que se associam a esta homenagem,

Senhores Professores,

Senhoras,

Senhores,

Para a Faculdade de Higiene e Saúde Pública é motivo de grande júbilo poder contar com Vossa Magnificência presidindo esta aula inaugural dos cursos de 1963. Aproveitamos a oportunidade para salientar a satisfação que temos de tão honrosa presidência para este ato, singelo na sua aparência, mas de profundo significado na história desta Faculdade e portanto da nossa Universidade.

Determinou a Congregação dos Professores desta casa que este início de ano letivo fôsse reservado para um preito de gratidão, uma homenagem da mais lídima justiça ao fundador desta Faculdade, o Professor Geraldo de Paula Souza. É com grande prazer que ressaltamos a feliz coincidência de ser Vossa Magnificência, o operoso e dinâmico construtor da Cidade Universitária, o amigo do mestre da Medicina Preventiva e o nosso dileto companheiro dos velhos e saudosos tempos do Instituto de Higiene.

O ano de 1963 tem significado particular nos fastos desta Faculdade. Sob a égide da Lei de Diretrizes e Bases, que transfigurou a educação nacional, por um lado, e pela autonomia da Universidade de São Paulo já definida legal e estatutariamente, por outro, pôde a Faculdade de Higiene e Saúde Pública programar uma reforma já aprovada pela Congregação, agora aguardando o beneplácito do egrégio Conselho Universitário.

Esta reforma, a primeira que é realizada nos 16 anos de existência desta Faculdade pioneira, tem a vantagem de ser calcada na experiência e no paulatino desenvolvimento didático de seus cursos. Colhemos nas novas possibilidades legais grande parte das inovações que permitiram atualizar e racionalizar o nosso ensino. Tivemos na colaboração dos institutos e organizações nacionais e estrangeiras, que anualmente se utilizam de nossa capacidade educacional, um incentivo seguro e esperamos continuar a receber dos poderes públicos

* Diretor e Professor Catedrático de Higiene Pré-Natal da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP; Professor Catedrático de Clínica Obstétrica da Escola Paulista de Medicina.

o entendimento necessário para nosso desenvolvimento harmônico e desempenho cabal de nossas superiores finalidades, únicos galardões a justificarem o esforço despendido pelo povo de São Paulo para manter esta Faculdade e esta Universidade.

Senhores Alunos:

Iniciamos hoje os cursos de ano letivo de 1963 e apressamo-nos a dar-lhes as nossas boas-vindas e os votos de uma estadia proveitosa e de grande trabalho em prol da Medicina Preventiva e da Saúde Pública. Com simplicidade brasileira e amizade fraterna acolhemo-los em nossa Terra com as melhores disposições, para prodigalizar-lhes o máximo do que seremos capazes sem poupar esforços para corresponder à tradição da Universidade de São Paulo.

Irá proferir nossa aula inaugural o Professor Emérito Doutor Jorge Americano, que dispensa uma apresentação pelo renome nacional e internacional que possui, e que hoje comparece a esta Faculdade não apenas para honrar-nos com os seus douts ensinamentos mas para ser igualmente por nós homenageado ao escrevermos esta página de nossa história.

Para conhecimento dos alunos estrangeiros recém-vindos queremos ressaltar a grande dívida de gratidão que esta Faculdade tem para com Jorge Americano, o magnífico Reitor que transformou a Cátedra da Faculdade de Medicina, em funcionamento no antigo Instituto de Higiene, em Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Sua escolha também teve mais outras duas finalidades: primeiramente a de podermos privar nesta solenidade com um dos mais altos expoentes da cultura e do professorado universitário de nossa terra, pois sua presença em nossa casa consiste no que de melhor temos para oferecer na homenagem que hoje prestamos ao sempre querido fundador desta Faculdade, Geraldo de Paula Souza; em segundo lugar, elegemos o Professor Jorge Americano por ser conhecedor da obra realizada em São Paulo pelo insigne higienista, que teve em Jorge Americano o amigo de sempre e que, nesta hora, compreenderá no seu repouso justo e eterno as intenções desta Faculdade.

Cumpre a Faculdade de Higiene e Saúde Pública, um gratíssimo dever inaugurando neste momento a herma moldada em bronze, que transmitirá aos porvindouros a memória de Geraldo de Paula Souza, seu querido fundador.

Para muitos dos que aqui se reúnem desnecessária seria esta homenagem, esculpida em material nobre, para perpetuar sua lembrança. Mas o tempo é inexorável; quando sua memória viva desaparecer com seus contemporâneos, a figura amada do mestre, vivificada neste bronze, continuará na vanguarda da Faculdade, dando as boas vindas aos alunos e servindo de exemplo a seus continuadores.

A Congregação dos Professores desta Faculdade determinou que este monumento fôsse erigido. As diretorias anteriores cumpriram o determinado. Agradecemos em seu nome a maneira fidalga com que foi realizada a honrosa tarefa.

A Faculdade de Medicina de coração associou-se a este preito, pois teve em Geraldo de Paula Souza seu primeiro Catedrático de Higiene, o que instituiu o tempo integral que tanto elevou a pesquisa científica e tão grande desenvolvimento trouxe ao ensino nacional.

As instituições IDORT, Rotary Club e SESI, honrando-nos com sua colaboração, participam prazerosamente desta homenagem àquele que procurou, em vida, dar a cada uma delas sua rica experiência e sãbia orientação.

Ao Prof. Galileu Emendabile agradecemos pela sua arte que valorizou este tributo, pois, compreendendo a delicadeza dos sentimentos que nos animaram, soube transferir com perfeição às linhas esculturais a imagem inesquecível de Geraldo.

Ao Sr. Arthur Etzel nossos agradecimentos pela ornamentação do parque da Faculdade que tanto realce deu ao monumento.

A Exma. Sra. Dona Evangelina de Paula Souza nossas homenagens e os nossos mais profundos agradecimentos por ter comparecido a esta solenidade e descerrado o monumento em honra de seu nobre esposo, aureolado pelo brilho de suas realizações no Brasil, na Liga das Nações, na UNRRA e na OMS.

A Geraldo de Paula Souza, a homenagem perene da Faculdade de Higiene e Saúde Pública de São Paulo.

AULA INAUGURAL DOS CURSOS DE 1963, DA FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA DA USP, PELO PROFESSOR JORGE AMERICANO*

Na velha e alegre casa da pacata rua Aurora arborizada de magnólias, onde Geraldo de Paula Souza passou a infância entre os pais e as irmãs (êle era o último filho, andando já por fora o irmão mais velho), reuniam-se as moças amigas das irmãs, os meninos companheiros de Geraldo, os amigos e colegas do pai, Antonio Francisco de Paula Souza, fundador, professor e diretor da Escola Politécnica até o dia da sua morte.

O pai orientava o filho nos estudos, dava-lhe uma visão do mundo, norteadas pela sua extraordinária clarividência, firmeza de caráter, patriotismo e amor à humanidade. Foi assim que Geraldo de Paula Souza passou da infância e atingiu a adolescência, através do Ginásio Estadual e da Escola de Farmácia, onde matriculou-se especialmente para estudar química, que considerava fundamental para o futuro curso de Medicina no Rio de Janeiro, de vez que a Faculdade de São Paulo ainda não se instalara.

Formado no Rio em 1913, onde se destacára como estudante e se fizera o centro de um grupo de amigos, seguiu para a Europa, indo aperfeiçoar-se na Alemanha e na Suíça. Não visava, porém, ao exercício da Medicina e o seu interesse pela química era básico na formação do futuro higienista.

De volta a São Paulo, ingressou na Faculdade de Medicina recém-instalada, sendo, primeiro, preparador e depois assistente. Aí os seus estudos, conjugados com o interesse pela comunidade, voltam-se para a análise das águas que abasteciam São Paulo e cuja poluição era responsável por moléstias de caráter parasitário.

Ao terem notícia de que a Universidade de Johns Hopkins, nos Estados Unidos, ia instalar a sua Faculdade de Higiene, Geraldo de Paula Souza e seu inseparável amigo e companheiro Francisco Borges Vieira seguem para Baltimore e se matriculam na primeira turma com a qual se diplomam em 1920.

De volta a São Paulo, Geraldo de Paula Souza torna-se, como Borges Vieira, assistente da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina, regida primeiro por Darling, depois por Smillie, a quem Geraldo sucede na cátedra em 1922, com a idade de 34 anos.

* Prof. Catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito da USP, 1934-1961; Reitor da Universidade de São Paulo, 1941-1946; Prof. de Direito Civil e Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie.

A Faculdade ficava num casarão alugado de D. Vitória Pinto de Almeida Lima, na rua Brigadeiro Tobias, cujo telhado e quintal dos fundos eram vistos do alto do viaduto Santa Ifigênia. O Instituto de Higiene, situava-se na mesma rua, mais para diante, num casarão que fôra do Barão de Piracicaba.

A êsse tempo, admirador de Emílio Ribas, higienista nato, que dirigira antes, no tempo das epidemias de varíola, febre amarela e peste bubônica, o Serviço Sanitário do Estado, Geraldo de Paula Souza entra de rijo em combate pela imprensa, criticando a administração sanitária que funciona então em simples rotina e nada faz para combater a poluição das águas que a população bebe. Por outro lado, trabalha com Hottinger, da Escola Politécnica, no aproveitamento dos sais de prata para revestimento interno de talhas, boiões e moringas, com destruição rápida dos germes nocivos.

O governo estadual de Washington Luiz impressiona-se com as críticas de Geraldo de Paula Souza e convida-o a dirigir o Serviço Sanitário. Data dêsse período, de 1922 a 1927, a cloração da água potável da Capital, condição imposta por Paula Souza para exercer o cargo. Este extraordinário serviço à população paulista, não lho podem negar os seus inimigos, que os teve, mercê de certa franqueza, às vezes rude, do seu caráter.

Todavia, a mesma força de caráter criou-lhe a inseparável roda de amigos, entre os quais, além de Borges Vieira, contavam-se Maximiliano de Souza Rezende, Diogo Dias de Barros, Francisco Emídio da Fonseca Telles, Luiz Adolfo Wanderley, Antonio Carlos de Paula Souza.

Casando-se com Evangelina da Fonseca Rodrigues, a roda de Geraldo transporta-se, do restaurante onde se reunia, para a sua própria casa, onde a conversa se acalora nos debates políticos, ou se suaviza na amenidade das anedotas e assuntos familiares.

Além da cloração da água, Geraldo de Paula Souza aborda na direção do Serviço Sanitário todo o problema das moléstias parasitárias e infecto-contagiosas; funda os centros de saúde; cria o serviço de alimentação; instaura a secção de bioestatística. E não perde contacto com o Instituto de Higiene, que se desenvolve anexo à cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina, favorecido, pela confiança dos antigos professores norte-americanos por uma dotação da Rockefeller Foundation, obtida entre 1920 e 1922, de 350 mil dollars para a construção do novo edifício, o atual, sob a condição de se estabelecer o tempo integral nas cadeiras básicas da Faculdade de Medicina. Diga-se de passagem que, percebendo àquele tempo o professor de tempo parcial 1 conto e duzentos mil réis mensais, o de tempo integral passou a receber a remuneração compensadora de 4 contos e oitocentos mil reis mensais.

Deixando Paula Souza em 1927 a direção do Serviço Sanitário que remodelára, voltou ao Instituto de Higiene.

Passada a revolução de 1930, o Instituto instala-se no atual edifício, onde hoje se inaugura a sua herma.

Chegou a revolução constitucionalista de 1932. Fui aproveitado, nos contactos que mantive com a Escola Politécnica, para administrar um curso de preparação de oficiais de emergência, encarregando-me de buscar nas frentes de combate os voluntários mais aptos, para fazer-lhes ministrar os conhecimentos que os transformassem em comandantes de companhia.

Cada turma de moços assim escolhidos submetia-se a uma instrução intensiva, de topografia, manejo de armas, rudimentos de comando e estado-maior, higiene e socorro de urgência, e tudo o mais, solicitado pelos moços, naquilo de que julgassem carecer.

Estreitei aí mais os meus laços com Geraldo, a quem já me ligava a amizade e o parentesco por afinidade. Pude observar com que carinho, devotamento, interesse humano e emotividade êle ministrava aos moços as suas claras e convincentes lições de higiene, adaptadas às condições da trincheira. Indicava os recursos aproveitáveis a cada situação, recomendava o uso do cantil esterilizado, com sais de prata para a água potável e fornecia-o a cada um dos moços, ensinava-lhes as regras de asseio compatíveis com os recursos, não se esquecia de abordar o risco e as providências contra o veneno ofídico e a disenteria, e assistia atento às aulas de socorros de urgência dadas pela enfermeira chefe para os casos de ferimentos e transporte dos feridos.

Na depressão que se seguiu à derrota e invasão de São Paulo, Geraldo abateu-se também.

Mas, com Armando de Salles Oliveira, surge a Universidade de São Paulo.

O Instituto de Higiene e Escola de Saúde Pública, sob seus auspícios, desenvolveu-se e continuava a desenvolver-se, nos seus cursos de sanitarismo, engenharia sanitária, administração hospitalar, nutrição, e educação sanitária, mas ainda não conquistara situação paritária com as Faculdades componentes da Universidade. Era ainda, em face da lei, apenas uma instituição anexa.

Substituído periodicamente por Borges Vieira na direção do Instituto, Paula Souza projeta-se então internacionalmente na Secção permanente de Higiene da Liga das Nações, em Genebra, onde sua presença é frequentemente exigida, como representante do Brasil.

Estamos agora na segunda guerra mundial, começada em 1939, e Paula Souza está de novo à frente do Instituto em pleno estado emocional. Ao falar certa vez, no Conselho Universitário, sobre seu próprio pai como educador, êle não pôde prosseguir porque a garganta lhe aperta e os olhos se marejam.

Invasão da Polônia, da Dinamarca, da Noruega; bombardeio de Rotterdam e a queda da Holanda; invasão da Bélgica e rendição do seu rei chefiando 100

mil homens; a trágica retirada dos ingleses de Dunquerque; a traição de Laval e a entrega da França; o bombardeio de Coventry e de Londres. . .

Estamos em agosto de 1942, navios brasileiros são bombardeados e o Brasil entra na guerra ao lado dos aliados.

Eu era o Reitor da Universidade. Em reunião de família em minha casa, em dia de aniversário, discutia-se acaloradamente a guerra.

Raphael de Paula Souza, professor do então Instituto de Higiene, fala do preparo dos moços para os chamados “comandos” com que os ingleses inquietavam Hitler nos portos atlânticos da Europa. E daí nasceram os Fundos Universitários de Pesquisas para a Defesa Nacional, dirigidos por um grupo de homens devotados à causa pública, com apêlo ao patriotismo e generosidade dos paulistas.

Trabalhamos nos sectores da Física, Química, Biologia, Psicologia, Higiene, Aviação.

O Instituto de Higiene esteve sempre presente e apresentou trabalhos notáveis.

A guerra parecia nunca mais acabar. A Europa inteiramente dominada; o norte da África com Rommel, até que se abre uma esperança. Montgomery resiste a Rommel em frente ao Cairo, enquanto do lado do Atlântico desembarcam numerosas forças aliadas, que forçam os nazi-fascistas a se retraírem para a Itália.

Prepara-se a conferência de São Francisco, que organizará as Nações Unidas, em substituição a falida Liga das Nações.

Geraldo é um dos representantes do Brasil na conferência. Ligando-se aos delegados da China, e verificando que não existe sequer no projeto da Carta das Nações Unidas a palavra “saúde” consegue com inaudito esforço que o problema fosse abordado e adotado. Foi esse o gérmen da Organização Mundial da Saúde, logo depois apoiada por 62 nações.

Enquanto tal se passa, o prestígio do Instituto de Higiene e, mais que isso a necessidade de considerar os problemas da valorização humana no Brasil, exigem a sua elevação paritária à condição de Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Tive a felicidade de, como Reitor, levar a Fernando Costa, homem patriota compreensivo e simples, o decreto, por ele assinado, e por mim referendado, que transformou o Instituto anexo em Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

A ela acorrem alunos de várias partes do Brasil e do exterior.

Ela é pioneira na América Latina, como foram pioneiras a Faculdade de Direito de São Paulo, para cuja criação colaborou um Paula Souza, e a Escola Politécnica, fundada por outro de igual nome.

Eram paulistas, como o sois, pelo nome ou pelo coração. Porque, como o “apóstolo dos gentios”, São Paulo é humano e universal.

São Paulo tem os olhos em vós, professores, em vós, moços, e aguarda confiante a continuação da obra.

A última parte da vida de Geraldo de Paula Souza, êle a consagra principalmente à Organização Mundial de Saúde, acorrendo a várias partes do mundo onde a sua presença é requerida.

A saúde é agora precária. Mas prepara-se para nova tarefa quando a morte o colhe em plena maturidade.

Tendes que prosseguir na sua obra,

Assim seja!



Fig. 2 — **William Welch**, fundador e Diretor da Escola de Higiene e Saúde Pública da Universidade de John Hopkins e seus companheiros do Conselho Consultivo (1922). Geraldo Paula Souza e Francisco Borges Vieira foram alunos da 1.^a turma dessa Escola padrão, fundada em 1918, em Baltimore, EE. UU..
(Da esquerda para a direita) R. W. Hegner — A. W. Freeman — J. H. Gregory — R. Pearl — W. H. Welch — F. Goodnow — W. H. Howell — E. V. McCollum — W. H. Frost — W. W. Ford — C. G. Bull.

NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES

OFFICE OF THE PRESIDENT
801 N. PAUL STREET
BALTIMORE, MARYLAND

Pettenkofer's first-course of lecture 1865 covered following topics:-
 Atmosphere (air), climate, clothing and care of skin, physical exercise, building materials, Ventilation, Heating, Lighting, ^{Buildings} and construction, ground-air and ground water, Influence of the soil on the spread of diseases, drinking-water supplies, Nutrition, Food and Condiments, Care of ~~man~~ ^{man} of persons (travellers?), Removal of ~~dejects~~ ^{dejects}, Sewerage, Disinfection, Inspection of corpses (Leichenbeschau) and Burial, injurious ~~trades~~ ^{trades} and occupations & factories, Schools, Barracks, Almshouses, Hospitals, Prisons, Poisons, medical statistics, Biostatistics.

Fac-simile de notas do primeiro curso de higiene ministrado em 1865, por Pettenkofer* em Munique, escritas por William Welch e por ele oferecidas a Geraldo Paula Souza.

* Max Von Pettenkofer (1818-1901). Médico e higienista alemão. Foi o primeiro a submeter todos os aspectos da higiene à análise de laboratório. Iniciou trabalho pioneiro sobre higiene da nutrição, vestuário, ventilação, água e esgotos. Em 1865 foi designado professor da primeira Cadeira de Higiene Experimental em Munique. (Rosen, G. A history of public health. New York, MD Publications, [c1958] p. 258-259, 512).

DISCURSO DO PROFESSOR HILÁRIO VEIGA DE CARVALHO*, REPRESENTANTE DA CONGREGAÇÃO DE PROFESSORES DA FACULDADE DE MEDICINA DA USP.

No dia 18 de fevereiro, em cerimônia solene, na Faculdade de Higiene e Saúde Pública, ao ser inaugurada a herma de seu Fundador e 1.º Diretor, tive a honra de, em nome da Faculdade de Medicina da nossa Universidade, proferir as seguintes palavras:

Esta herma fixa, no valor eterno e nobre do bronze, a imagem do prof. Geraldo Horácio de Paula Souza, Mestre insigne da nossa Universidade e valor perene da Ciência mundial — que engrandeceu com “um saber só de experiências feito”, com um coração de fidalga estirpe e com um espírito iluminado por altos ideais de servir ao bem público naquela sublime tarefa que só os médicos realizam, qual seja a de, contrariando os seus próprios interesses (se interesses o fôssem realmente), lutar para que as doenças não surjam ou se desenvolvam. De todas as profissões, só a da arte de curar assume esta maravilhosa atitude: vivem os médicos do *munus* que os seus enfermos lhes ensejam; mas tudo fazem para que as doenças se detenham, prevenindo os males futuros e, assim, reduzindo as fontes do seu ganho — pelos conselhos que desparzem de higiene, de medicina preventiva.

É o que Paula Souza fez em toda a sua existência de sanitarista emérito, de Mestre da Ciência de Hygeia.

Ituano de boa cepa, logo iniciou a sua peregrinação pelo Mundo: Berna, München, Baltimore. Já em 1914 iniciava a sua carreira docente na nossa recém-fundada Faculdade de Medicina e, em 1922, assumia a Cátedra de Higiene, sucedendo a Samuel Darling e a Smillie. E, conjuntamente, a direção do Serviço Sanitário, que remodelou fundamentalmente, “arrancando-o da rotina da medicina policial, de 1777, de Johann Peter Frank”. *Ex dicito, gigas*: logo vieram as marcas indigitadoras do seu gênio — introduziu a cloração das águas potáveis (e acabou com o tifo), criou os primeiros Centros de Saúde existentes no Brasil, organizou os serviços de alimentação pública, tão essenciais para qualquer Nação, estruturou a inspetoria da lepra (que chegou a ser um paradigma para o Mundo), instituiu a fiscalização do exercício da medicina, fundou os Cursos de Educadores Sanitários, etc., etc. — enfim, doou, de seus incomensuráveis dotes, as gemas mais preciosas que inda hoje exornam a nossa medicina preventiva.

* Professor de Medicina Legal e Diretor do Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP.

Mas, se ao Brasil, deu tanto, não aferrolhou em nossas arcas êsses tesouros. Levou-os, também, mundo em fora, pregando, ensinando, realizando. Poliglota fluente, ensinou nas línguas cultas do Mundo a lição brasileira da nossa experiência e da nossa cultura. Nacionalista legítimo, de melhor padrão e sentido, foi um cidadão do Universo: e deu-lhe muitíssimo, às mancheias, como só sabem dar os grandes de espírito e os nobres de coração. A Liga das Nações beneficiou-se de seus ensinamentos, como seu Técnico em Saúde Pública. E em 1945, na Conferência de São Francisco, em nome do Brasil, que tão superiormente representava, propôs a criação da Organização Mundial da Saúde, de que foi Vice-Presidente e Membro Permanente. Só esta realização enobrece qualquer Homem, engrandece qualquer País.

O reconhecimento, aliás, do Mundo não se fez tardar e, além dos títulos científicos que lidimamente alcançou, recebeu as mais altas distinções e veneras, desde o “Ruban Rouge” à Legião de Honra da França.

Nem sempre o tínhamos aqui, para festejá-lo e receber dêle o privilégio do seu contacto, sempre amável e fidalgo. Andava, de contínuo, em suas missões de semador de benesses. Mas, quando o víamos, era sempre aquêlê cavalheiro rizonho, rosado, expansivo, de olhos buliçosamente ridentes e penetrantes, pronto a fazer uma “boutade”, com um dito de inteligência a despontar-lhe do espírito culto e vivaz. Emotivo, vibrando intensamente dentro dos seus empreendimentos, era severo consigo mesmo e crítico aguçado dos seus próprios atos — como deve ser um cientista digno, que o era como os que mais o possam ser.

Deu-se desmedidamente, gastou-se em terrível usura que o seu amor à Humanidade lhe impôs. Flama cheia de vida, alcandorou-se ao zênite onde só ascendem os que sabem morrer pelo ideal. De um momento para outro, de inopino como o dissera muito bem Humberto Pascale — “fecharam-se-lhe, para sempre, as portas do futuro, mas abriram-se-lhe, desmesuradamente, as portas do presente. De um presente que será eterno, no exemplo às gerações de discípulos, no mármore da posteridade, no cristal de uma lágrima” ... e, ora, na perenidade dêste bronze, em sua imagem e em nossa gratidão, no latejar de nossas cordiais recordações e saudades. Como Rajkumari Amrit Kaur, representante da Índia na IV Assembléia Mundial de Saúde, o registrou, em suas próprias expressões, aqui poderíamos repetir: “seja-nos permitido, em nome de todos nós, expressar o nosso profundo pesar e a nossa infinda gratidão àquele que foi um líder mundial em Saúde Pública, um fundador e pai da O.M.S. — e um amigo”.

Além do bronze e da temporalidade das nossas atitudes, mas perante a inerrância dos nossos sentimentos mais puros, proclamemos, como o nosso Vate Maior, que se foi “da lei da Morte libertanto” êste nosso imarcescível Mestre que o soube ser, que inda é, que sempre o será.

São Paulo, 18 de Fevereiro de 1963

DISCURSO DO ENGENHEIRO ARMANDO DE VIRGILIS, REPRESENTANTE DO IDORT

Há poucos dias, o presidente do Instituto de Organização Racional do Trabalho, dr. Octávio Pereira Lopes, por motivo de seu absoluto impedimento, distinguia-nos com a missão de aqui vir representá-lo, e ao IDORT, e de dizer algumas palavras nesta homenagem ao prof. Geraldo de Paula Souza, fundador, do Instituto e seu dedicado vice-presidente até a data de seu falecimento.

Foi com especial emoção que recebemos a incumbência.

Laços de trabalho ligaram-nos ao homenageado no SESI, no SENAI e mormente no IDORT, nos seus primeiros tempos, incertos e não compreendidos.

Ocorre, porém, mais fortemente, uma coincidência pessoal comovedora, que pedimos licença para revelar.

Ela nos transporta para quase 50 anos atrás, para um infausto dia de abril de 1917, quando, jovem aluno de engenharia, coube-nos proferir, em nome do Grêmio Politécnico, oração de despedida ao prof. Antonio Francisco de Paula Souza, o grande diretor da Escola Politécnica de São Paulo, cujo túmulo se descerrava no Cemitério da Consolação.

Colecionador de alfarrábios, conservávamos o manuscrito daquele discurso compungido de moço e no Centenário do nascimento do proclamado "Apóstolo da Engenharia Brasileira", em 1943, pudemos oferecê-lo a seu filho. Geraldo recebeu-o comovido, dizendo que o guardaria entre suas relíquias.

Como não nos perturbarmos com essas recordações, ante o novo impacto de ter hoje de falar do amigo e contemporâneo desaparecido, descendente direto de nosso pranteado mestre e diretor?

Atônito e humilde, na surpresa dos indecifráveis desígnios do Altíssimo, divisámos nessa coincidência o rumo para a tarefa que aqui nos traz.

Perpassam-nos de pronto, pela mente, outras coincidências maravilhosas e lógicas, entre a personalidade do pai e do filho.

Tiveram êles o mesmo berço natal: a legendária cidade de Itu, onde, pela benemerência se notabilizaram seus ancestrais, os barões de Piracicaba, linha dos Pais de Barros.

Pai e filho revelaram a mesma inclinação pelos estudos, no bom comportamento infantil; pela correção de atitudes na adolescência; pela avidez dos conhecimentos, quando moços, o que os levou ao Velho Mundo, à mesma Alemanha e à mesma Suíça, para sua formação intelectual.

Quando homens feitos, em seus espíritos se agitou a mesma preocupação de, pela Pátria, ou ao voltar a ela, desde logo participarem dos anseios de progresso, das campanhas cívicas, dos movimentos inspirados em ideais puros, pelo altruísmo, pelo propósito de servir a humanidade.

Ao engenheiro que se destacou nos empreendimentos da construção civil, nas lutas do Abolicionismo, na dispensa do ordenado em favor do aparelhamento dos serviços públicos que dirigia, o filho médico e higienista se igualava mais tarde com as iniciativas pela saúde da população, com a participação no Movimento Constitucionalista, com o dar de si tudo o que podia, material e espiritualmente, para as realizações de seu grêmio rotariano e das entidades a que se filiava.

Aos 26 anos, já profissional laureado, Antônio de Paula Souza liberta seus escravos havidos por herança, e rumo para os Estados Unidos, quando sofre um naufrágio que o obriga a peregrinar pela América Central até Nova York. Vence mil dificuldades e logra aperfeiçoar-se ali no levantamento de estradas, especialização que aproveitaria mais tarde, na Companhia Ituana e em outras ferrovias e obras públicas em nosso Estado.

Igual atração, irresistível, havia de exercer o progresso da nação norte-americana sobre Geraldo, pois aos 29 anos também para lá seguiu, desejoso de haurir os avançados processos da Universidade Johns Hopkins e dos laboratórios da Fundação Carnegie. Voltou doutor em Higiene e Saúde Pública, para professar na cátedra da Faculdade de Medicina de São Paulo e para traduzir em medidas de alcance social, na direção do Serviço de Saúde Pública do Estado, o seu aperfeiçoamento técnico naqueles centros médicos de fama.

Até a maturidade, pai e filho, ambos humanistas insatisfeitos, como abelhas a incrementar sua provisão de conhecimentos, repetidas vezes perlustraram países estrangeiros, trazendo de regresso as conquistas mais recentes da ciência, nas respectivas profissões.

Também nesses misteres de relações fora das fronteiras nacionais, cada um deles, no seu tempo, porfiou por engrandecer o nome do Brasil:

— O ministro Paula Souza, na pasta do Exterior, consegue, em 1893, com a colaboração de Rio Branco, a difícil solução da espinhosa pendência do Território das Missões;

— Geraldo, em 1928, em Genebra, na Liga das Nações, exhibe estudos sobre Higiene que dão realce à ciência brasileira e, em 1945 e 46, nas Conferências de São Francisco e de Nova York, propõe e obtém a criação da Organização Mundial da Saúde, para a qual a Assembléia o elegeu vice-presidente e onde atuou como delegado permanente de nosso país. Nessa ocasião, recebeu da França, pelo merecimento de seus trabalhos internacionais, as medalhas da "Ordem da Saúde Pública" e de "Legião de Honra".

É na idade provecta, quando um e outro, à distância de meio século, realizam a sua obra máxima, que mais surpreendentemente se identificam, grandiosos e inexcedíveis, os ideais das duas gerações.

Em 1894 Antonio Francisco de Paula Souza funda a Escola Politécnica de São Paulo, organizando-a exemplarmente. Institui-lhe o prestígio pela disciplina, pela seriedade dos programas, pela austeridade dos exames. Dirige-a com rara dedicação e, por longos anos, inspira e acompanha equipes de discípulos e continuadores, de profissionais que concebem e avolumam, gerações afora, projetos e realizações ingentes, por aí além, por São Paulo novo, pelo Brasil imenso e inexplorado, inóspito ou desassistido.

Igual feito memorável, com idêntica perfeição, é completado, em 1948, por Geraldo de Paula Souza, o idealizador dos cursos de higiene, que cria, instala e coordena esta Faculdade de Higiene e Saúde Pública, padrão e célula preciosa da cultura universitária do Brasil, também pioneira, com os seus médicos e assistentes sanitários, com seus educadores e nutricionistas, com seus centros de saúde, das novas práticas, das melhores técnicas concentradas sobre o elemento "homem" nos campos do médico e do higienista, não mais distantes, entretanto, das metas de engenheiro, na mesma finalidade última de beneficiar a coletividade.

No progenitor e no herdeiro encontramos as mesmas vocações do educador, do mestre, do implantador de escolas, do desvendador do incognitado; da pertinácia e da paciência do cientista, do pesquisador, do apaixonado e desprendido que trabalha para o conhecimento puro, ou para a comunidade, quase que totalmente esquecido de si próprio, alheio às seduções da glória, do fastígio, do conforto — que poderia promover para si com menor esforço — se ele não fosse, contraditória e predestinadamente, um grande extrovertido de generosidade recondita e imensurável.

Por fim, igualados pelo destino também foram, os dois Paula Souza, até no modo de encerrar as suas magníficas existências! Colheu-os a morte de maneira semelhante quando ao diuturno labor se aprestavam, para o cumprimento de seus deveres. Em pleno vigôr tombou o velho, coligindo notas da aula que ia dar no mesmo dia. E o moço, saudável e disposto, amanheceu para interromper para sempre os preparativos de viagem à OMS, à Genebra, onde por certo mais uma vez iria dignificar a ciência, a Pátria e a humanidade.

Poderemos dizer que, exceto no atendimento de algumas exigências sociais modernas, diferentes pela época, entre o viver do pai e do filho, somente no número de anos de idade não houve rigorosa coincidência. Proficuamente, ainda que muito se movimentando, vivendo as lides dos tempos menos intranquilos do passado, Antônio de Paula Souza chegou lúcido, eloqüente e vigoroso aos 74 anos de idade. O propugnador da higiene física e mental alcançou os 62 anos. Bem vividos. O seu portador sempre útil e prestimoso, esfusante de simpatia e comunicabilidade, de bom humor contagiante e construtivo. Na

inquietação esfalfadora do século, do fracionamento do átomo, o poder de realização e de liderança de Geraldo Horácio foi exuberante, em amplitude e eficiência, e resultou condigno da capacidade paterna.

Relevem quantos aqui estão reunidos se, talvez pelo saudosismo vaidoso de relacionarmos nossas palavras de ancião às do estudante imberbe de 1917, enveredámos por êsse desataviado paralelo entre os dois expoentes da mesma nobre estirpe.

A Geraldo de Paula Souza deve o IDORT as glórias de sua fundação e duas décadas de primorosos serviços na vice-presidência constante de sucessivas administrações. Deve-lhe o brilho de vários Congressos Científicos de Organização e o sucesso de memoráveis campanhas, destacadamente as “Jornadas da Alimentação e Contra os Desperdícios”. Deve-lhe, sobretudo, a fé, o entusiasmo e a segurança da obra certa, com que juntamente com outros beneméritos fundadores, Paula Souza cimentou os seus primeiros passos, para que a instituição sobrevivesse e se firmasse o conceito justo de seus altos objetivos.

Se lá do “assento etéreo” a que subiu for permitido conhecimento das coisas dêste mundo, Geraldo há de acolher com sua benevolência terrena, como forma de homenagem a mais sincera dos seus companheiros do IDORT, estas breves referências e a confrontação enaltecadora com seu ilustre progenitor.

A semelhança dêle, Geraldo foi figura invulgar que transitou gloriosamente entre nós, para gloriosamente ascender e se perpetuar no Universo imorredouro da posteridade.

A herma que se inaugura, na mesma hora do início dos cursos desta Faculdade, simbolizando a presença perene do fundador no seu templo, também consagra, para a eternidade, a singeleza magestosa da vida de Geraldo Horácio de Paula Souza.

DISCURSO DA EDUCADORA MARIA DE LOURDES FAIRBANKS DE SÁ, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCADORES SANITÁRIOS DE SÃO PAULO

Inspirada no mais digno sentimento que o homem já experimentou, a gratidão, esta Casa reverencia, hoje, a memória de seu ilustre fundador.

Nesta hora, não podem calar-se os educadores sanitários de São Paulo, que a êle ligados por profundos laços de origem, querem associar-se a esta digna homenagem.

Gesto de rara justeza, e da mais vibrante eloquência, vem apenas materializar algo que todos sentimos existir entre nós: — a presença de GERALDO PAULA SOUZA.

Sim! Pois, GERALDO PAULA SOUZA nunca esteve ausente desta Casa; e nem poderia estar, pois que, ela foi o princípio, o meio e o fim, e a razão de sua existência.

Jovem ainda, alimentava sonhos utópicos. Cuidar da saúde do seu povo, salvar das garras da doença e da miséria, todo aquele que nascesse sob o seu firmamento!

Em sua mente fecunda, aninhava-se o germe do resgate da raça.

Seu preço? — Sua inteligência, seu espírito luminar, tôdas as suas forças e sua vida, se necessário fôsse.

Febrilmente dominado por seus ideais, lançou-se à luta que êle sabia ser de gigantes!

Mas o Brasil é tão grande! Como fazê-lo se até então nada havia?

A educação sanitária do povo seria seu ponto de partida. Foi quando, em 1925, criou no antigo Instituto de Higiene, o Curso de Educadores Sanitários, bêrço tosco do pessoal da Saúde Pública em São Paulo.

Plasmado em seus ideais, nutrido em suas esperanças, e agasalhado com seu carinho, o Educador Sanitário foi muito tempo a criança, que em passos ainda trôpegos, procurava com afã, colaborar na obra do seu criador.

E assim, alguns anos se passaram. . .

Animado porém, por seu espírito dinâmico, a novas metas foi se propondo: cursos outros foram surgindo, mais especializados, novas técnicas, avançando sempre e sempre, rumo a objetivos mais arrojados.

O Instituto de Higiene projetava-se como centro de formação de pessoal de Saúde Pública, não só no Brasil, mas também, no cenário mundial. Sanitaristas e técnicos de renome inflamados com o mesmo ardor, erguiam ao seu lado, a estrutura definitiva de um grande centro científico.

Pelo seu alto gabarito em assuntos de saúde, foi o Instituto de Higiene transformado em Instituto Universitário, dando origem à atual Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Mas Paula Souza não podia se limitar entre as Tordesilhas e o Atlântico! Sua visão singular delineava em horizontes longínquos, o mesmo aflitivo problema. Outros irmãos, de continentes outros, eram também credores do seu grande coração e de sua rara capacidade.

Foi quando, em 1945, na Conferência de São Francisco, na Califórnia, por proposta de PAULA SOUZA, apoiado pelo Delegado da China, foi preconizada a criação de uma organização internacional que se dispusesse, de maneira apolítica, a cuidar dos problemas de saúde nos quatros cantos do mundo.

Fruto sazonado de sua inteligência e esforço, a Organização Mundial de Saúde, como que predestinada, leva desde seus alicerces até sua cúpula, o cunho do Brasil: — ontem, PAULA SOUZA, o preconizador; hoje, Marcelino Candau, seu dirigente máximo!

Pensando em Paula Souza, diríamos como Bilac: — “Ama com fé e orgulho, a terra em que nasceste.”

De fato, nossa terra é abençoada. Nascida sob o signo da Cruz, bem por isso tem em seu acervo nomes como Miguel Couto, Osvaldo Cruz, Emílio Ribas, e em nossos dias, PAULA SOUZA.

Para nós, que tivemos a felicidade de partilhar de seus dias, de sentir a vibrátil emoção de seus sonhos, e conhecer a sua obra, a sua memória será tão indelével, quanto esta herma a ser hoje inaugurada, que, incólume, resistirá à erosão dos séculos!

Dr. GERALDO PAULA SOUZA: — neste momento memorável, nós os paulistas vos dizemos — MUITO OBRIGADO.

Obrigado, por tudo quanto realizastes.

Obrigado também, em nome da Pátria, por haverdes iniciado do NADA, um autêntico PEDESTAL DE LOUROS: — a Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, é hoje, para orgulho de todos nós, a maior escola de Saúde Pública da América Latina.

18 de fevereiro de 1963

DISCURSO DO PROFESSOR VICENTE DE SAMPAIO LARA*, REPRESENTANTE DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA DA USP

Quando se celebrou o 4.º centenário da fundação de nossa cidade, discutiu-se com acirrada paixão a quem de direito caberiam as honras máximas de sua criação: se a José de Anchieta ou a Manuel da Nóbrega.

A controvérsia prevalecia mesmo entre os doutos da Companhia de Jesus, da qual, ocioso seria lembrar, ambos faziam parte.

Malgrado não se tivessem dirimido as dúvidas e tudo levasse a crer que os nossos superciliosos historiadores continuassem por muito tempo a andar às turras, resolveu-se oficialmente dar a primazia a Anchieta e, à guisa de tributo de gratidão e de exaltação à sua memória, ergueu-se-lhe, na Praça da Sé, um monumento.

À frente da Catedral, a dois passos do lendário Pátio do Colégio, como se fôra um intruso, se depara com a sua figura inexpressivamente amortalhada em bronze. Com os pés firmemente plantados em enorme soco, com a cabeça pendida, olhos baixos, cenho lúgubre vincado de ameaças, dorso curvo, tendo desajeitadamente na mão direita, alçada à altura do peito, um crucifixo, e na esquerda, pendente ao longo do corpo, o breviário, lá se encontra êle rodeado de uma floresta de cimento armado, eriçada de arranha-céus, infernado, dia e noite, pela algaravia de milhares de transeuntes e pela atroada de ruídos, estrépitos e brados de tôda intensidade e de tôda sorte.

Tudo em volta acha-se em flagrante contraste com a ambiência em que viveu.

Nada sugere o primitivismo de nossos dias iniciais. Nenhum arco e nenhuma flecha. Nenhuma árvore e nenhum fio de água. Nenhum pássaro e nenhuma caça arisca.

Nada que evoque a natureza que tanto amou.

Como difere em tudo daquele Anchieta que aprendemos a reverenciar, daquele suave caminheiro solitário e infatigável de nossos umbrosos gerais e agrestes serras, que, nas poucas horas de descanso que conhecia, se comprazia em embrenhar-se no nosso longínquo litoral; daquele que, prêso como refém em Iperoig, compunha nas areias de suas ridentes praias os mais doces e ingênuos versos à Virgem Maria!

Deixando à parte a localização e os discutíveis méritos do bronze, que tanto atentam contra os cânones da beleza, cumpre ressaltar que meritória foi,

* Professor Catedrático de Higiene da Criança, da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP.

contudo, a intenção de tentar-se resgatar, tão tardiamente, uma parte pequenina da imensa obrigação que temos para com êsses abnegados membros da Congregação de Loyolla, êsses piagas do amor como lhes chamou Castro Alves, simbolizados na figura sublime do taumaturgo, que nos assistiram na difícil hora do alvorecer de nossa nacionalidade e, com tanta nobreza, nos acompanharam na jornada de nossa emancipação.

Anàlogamente, ao inaugurarmos o busto de Paula Souza, vamos quitar apenas uma fração da dívida imane que contraímos para com o nosso insigne Mestre.

Esta celebração, mercê de múltiplos e variados impedimentos, igualmente muito se fêz esperar. Se a protelamos até hoje, foi por motivos inteiramente estranhos aos nossos anseios, pois a planejávamos, num movimento de calorosa afeição, para o ano imediato ao do seu desaparecimento.

Quanto ao papel por êle desempenhado na criação desta Faculdade, não nos assediam as incertezas experimentadas pelos cultores de nossa história a respeito da fundação de nossa Paulicéia.

Coube-lhe, sem sombra de dissensão, a "pars magna". Com adiantamento de décadas ao pensamento médico da época, foi êle o seu idealizador e o seu criador. Tôda a sua energia se concentrou, vencendo renhida oposição, em dar vida e continuidade à obra que engendrou.

Nós, que o acompanhamos desde as primeiras horas e juntos enfrentamos árduas e penosas pelejas até que alcançássemos a vitória final, sempre o reconhecemos como nosso chefe indiscutível. Como soldados disciplinados mantínhamo-nos sempre alerta. Os uniformes que envergávamos, embora fôssem de campanha, não eram poentos e não lhes faltavam os botões. Não corríamos para a direita e para a esquerda. Marchávamos sempre para a frente. Não disparávamos tiros no escuro da noite nem mudávamos a escopeta de ombro, embora árduas tivesssem sido as nossas vigílias de armas.

Tinha êle as divisas de general, quando recebíamos nós os nossos primeiros galões.

Erigimos a sua bem assombrada herma neste chão em que êle afortunadamente só conheceu dias de ventura, onde por ocasião dos desalentos de alma, sentia retemperadas a sua energia e a sua serenidade, e que não o barganharia por nenhum outro recanto por mais belo e poético que fôsse.

Colocamo-la à frente dêste edifício — baluarte da saúde pública paulista — que êle, com tanto amor, planejou e, com tanto enlêvo e ansiedade, viu crescer, pedra sôbre pedra, e cercamo-la dêste amplo e belo jardim de que êle viu vicejarem as primeiras gramas, vingarem os esbeltos fustes das primeiras palmeiras, frondejarem e florescerem as primeiras árvores.

Neste ambiente de harmonia, possam da mesma maneira, à sombra desta Domus Augusta, o farfalhar das fôlhas, a fragrância das flôres, o gorjeio dos

pássaros e a alacridade clangorosa das cigarras dar-lhe o agasalho e o amor que imorredouramente lhe dão os nossos corações de amigos e discípulos.

Conservador, amigo incondicional das liberdades públicas, era Paula Souza decididamente avêso às ideologias subversivas. Amava a vida e nela encontrava encanto e alegria. Era um mestre do otimismo. Fidalgo de maneiras, fiel às nobres tradições de seus antepassados, dava à profissão alto sentido de nobreza e extremado calor de ternura e humanidade.

Embora de temperamento sôfrego e inteligência inquieta, não era, nas lides do espírito, um perscrutador de sutilezas. Mantinha-se alheio às angústias metafísicas. As inquietações políticas e sociais, porém, o interessavam, e muito.

Voltava-se invariavelmente para os problemas reais, êstes sem cessar o inquietavam; buscava conhecê-los e cogitava por bem os resolver.

Timoneiro de longo curso, tendo já corrido as sete partidas do mundo, sua bússola assinalava sempre a rota certa. Os seus esforços e os seus empenhos jamais eram malbaratados em iniciativas desconchavadas. Possuía o senso da conveniência e da oportunidade. Nunca preteria os reclamos essenciais no afã de alcançar o supérfluo. Tinha fé absoluta no seu destino e jamais se desviava de um alvo predeterminado. A sua vontade não conhecia distorções.

As suas atividades não se processaram ao capricho da rosa-dos-ventos e podem ser confinadas em quatro rubricas, das quais tentarei dar breve relato. Ei-las:

1.º) — *No terreno do ensino, em que se revelou Mestre excepcional.*

No viço de seus anos, em largo descortino da missão a que estava predeterminado, agremiou um pugilo de prosélitos, cheios de fé e de indômita vontade de pugnar pelo mesmo ideal, dos quais se tornou o guia incontestado e com os quais lutou, sem desencorajamento, até que lograsse um altar, um templo que fôsse a verdadeira “célula mater” do ensino da Higiene e da Saúde Pública. E, anos andados, em plena maturidade, teve a ventura de fundar o estabelecimento com que tanto sonhara e que, sem dúvida alguma, é o seu “magnum opus”.

Criou esta Escola com o fito de preparar técnicos que o ajudassem na ingente cruzada de libertar o nosso povo espoliado e sofrido e de redimir a nossa terra dos males que a infelicitavam, quando o povo e a terra não eram lembrados senão pelos idealistas que os amavam deveras.

Era uma Escola para o povo e não para os seus usufrutuários, era uma Escola com propósitos definidos e não uma Escola em busca de um ensino.

Não obstante fôsse Paula Souza muito mais homem de ação do que de gabinete, soube ser também provecto educador. Preenchia plenamente as

condições básicas de êxito no árduo e difícil exercício do magistério. E são elas, ao meu sentir, as seguintes:

- a) Era um caráter incorrupto, símbolo mesmo da retidão moral e das virtudes privadas e públicas. Conhecia os imperativos da consciência e da moral e tinha-os como código de honra.
- b) Homem de boa avença, achava-se perfeitamente adaptado às lides da vida de professor. Não conhecia, ou melhor, não sabia, nesse sentido, o que fôsse um desajustamento. Ele amava, antes de tudo e acima de tudo, a sua cátedra. Doutrinou aquilo que viveu e viveu aquilo que doutrinou.
- c) Era um convicto da relevância da ciência, à qual consagrou toda a sua vida. Ensinava sinceramente que a Medicina devia girar em torno da Higiene e não a Higiene em torno da Medicina. Em seu sistema, o centro solar deveria ser Higéia e não Asclépio.
- d) Acreditava que é o professor que engrandece a cátedra e não a cátedra que engrandece o professor. Serviu-a com honra e não desfrutou as honras que ela poderia ter-lhe conferido.
- e) Possuía, além de uma inteligência arguta, serena e objetiva, todos os atributos peculiares à nossa gente e à nossa índole, que, aliás, o qualificavam em grau superlativo.
- f) Era um espírito aberto, de espantosa receptividade às idéias e aquisições novas. Jamais titubeava em abandonar princípios doutrinários ou hipóteses, partissem de onde partissem, tão cedo lhe fôsse demonstrada a sua inaceitabilidade.
- g) Tinha horror ao facciosismo. Era o menos dogmático dos doutos. Não só tolerava, mas prezava os que pensavam de maneira antagônica, e defendia como lídimo o direito dos contendores travarem-se de razões.
- h) Era enérgico, pragmatista e altamente sensível à realidade de nossa situação. Enxergava-a como ela realmente é, sem os arroubos da fantasia e sem as especiosidades do falso patriotismo.
- i) Nunca desviava a sua atenção para atividades ou considerações que diretamente não condissessem com a Higiene ou a Saúde Pública. Não sendo um ensimesmado, tinha horror à reclusão e buscava, como necessidade imperiosa, o convívio de seus concidadãos, tentando servi-los através de múltiplas organizações sociais, às quais, desprendidamente, emprestava a melhor das colaborações.
- j) Era notória a sua desambição material. Jamais maldizia a sua estrela. A magra tença auferida dignamente no exercício da cátedra lhe era suficiente.

Foi o ínclito Paula Souza um dos incansáveis propugnadores da reunião das escolas paulistas em universidade e, quando esta se fundou, ninguém mais do que êle exultou.

Insistia que, em qualquer setor, deveria ser sempre o trabalho individual substituído pelo trabalho de equipe e o trabalho dos institutos coordenado e entrosado dentro do melhor espírito universitário.

A sua tese era que se congregassem todos os institutos em uma só matriz — a comunidade universitária — no seio da qual se criaria uma nova consciência de maior ressonância, expressa de maneira inequívoca pela unidade de sentimento e pensamento, que viesse assegurar, a todos, breves e incontestáveis triunfos.

Antes de um nome punha um grupo e antes de um grupo punha a comunidade de estudiosos. O espírito universitário deveria sempre prevalecer ante o espírito de escola. A noção que tinha de universidade não é aquela que predomina em nosso País: mero agregado de escolas enfeudadas em cioso e hostil isolacionismo.

O livre intercâmbio e a mais assídua cooperação era a única proposição que lhe parecia defensável, mormente em uma terra, como a nossa, tão carente de unidades escolares superiores.

Mudando o rumo dos acontecimentos, conseguiu êle, pela primeira vez entre nós, um entrosamento harmonioso e altamente profícuo de diferentes institutos, como acontece com o que atualmente existe entre a Faculdade de Medicina, a Escola Politécnica e a nossa Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

Em relação à universidade, quer me parecer que êste seria o lema que havia adotado: pormo-nos ao serviço dela, em lugar de dela nos servirmos.

Ainda um aspecto da figura de pedagogo a ser caracterizado é a relutância com que aceitava as limitações que o regulamento impunha às suas pretensões.

Sua independência de espírito fazia-o, a cada passo, insurgir-se contra os dispositivos regulamentares. Via nêles uma ameaça potencial para as aspirações dos que querem progredir e considerava-os como novas cassandras às quais se é obrigado a prestar ouvidos. Tanto quanto possível, procurava ladeá-los a fim de atingir os seus desideratos, habitualmente cheios de imprevista originalidade, como se fôsse um escravo que rompesse as suas algemas para se tornar um liberto.

Rebelava-se constantemente contra as determinações das leis ronceiras que prescrevem o que se não deve fazer, mas silenciam sôbre o que fazer e como fazer. Êle que, com celeridade, punha asas aos seus projetos, não se conformava com essa inflexibilidade. Ao seu sentir, a ação requer maleabilidade, só a estagnação é rígida.

2.º) — *No setor da administração sanitária* muito fez que deve ser levado ao seu crédito de estrênuo e desvelado administrador.

Paula Souza não era, repito, homem de gabinete. Os livros não constituíam o seu mundo. Dizendo isto, não pretendo afirmar ou sequer insinuar que não fôsse alentada, profunda e sólida a sua cultura, pois a sua vida desenvolveu-se, desde a mais tenra infância, em ambiente do mais alto e refinado saber e elevado idealismo.

De tudo quanto poderia mencionar acêrca de seu espírito, desejo apenas ressaltar que as suas características principais eram, além da de educador, a de criador e organizador de inextinguíveis méritos. Combinava, harmoniosamente, a calma serenidade do professor com a determinação férrea do líder, que trabalha, incessantemente, para a consecução de determinado objetivo que tem em mira.

Tinha, na qualidade de administrador, horror a qualquer iniciativa destituída de sanção prática ou vazia de efeitos sensíveis. Administrar significava para ele realizar, empreender e abrir novas sendas ao progresso da ciência e ao bem-estar da comunidade.

Quando diretor do antigo Serviço Sanitário, refundiu-o integralmente, expurgando a rotina que travava o seu funcionamento, imprimindo-lhe os novos moldes que se faziam necessários e introduzindo-lhe largo rol de profícuas e inadiáveis inovações.

Os esplêndidos benefícios práticos que dessa radical transformação resultaram para a coletividade não se fizeram esperar e os de ordem técnica perderam até nossos dias.

Entre aqueles, eu me permitiria citar, em decorrência à cloração da água, pela primeira vez feita no Brasil, a extinção da febre tifóide, que centenas e centenas de vidas ceifava todos os anos. E, entre estes, a criação dos centros de saúde e do regime de trabalho em tempo integral.

E se não vou mais além, é para não me perder em longa e exaustiva enumeração.

Foi precisamente nessa ocasião que se desencadeou, com impetuosidade avassaladora, desabrida campanha de desmoralização contra quem dava de si as melhores e mais indiscutíveis provas de competência.

Certo e mais que certo de suas convicções, foi admirável o denôdo com que Paula Souza arrostando esses dias amargos de incompreensão e malevolência.

Todo o vitríolo derramado não lhe envenenou o coração nem lhe derrancou a alma.

Sabia que não era o primeiro homem da saúde pública a ser impiedosamente hostilizado no Brasil. Duas outras culminações, Emílio Ribas e Oswaldo Cruz, tinham igualmente conhecido a mesma "via crucis".

Por força já deveria ter-lhe ocorrido a advertência de Corneille, no Cid, de que “vencendo sem perigo, conquista-se o triunfo sem glória”, e que o nosso genial Ruy, tão rija e injustamente combatido por muitos dos seus contemporâneos, certa vez, afirmara: — “Todos os homens úteis à sua pátria hão de provar a esponja de fel e vinagre.”

3.º) — *No campo das atividades médico-sociais* distinguiu-se de maneira ímpar. Áureas foram as suas realizações.

Impôs-se à nossa admiração não somente pelas pesquisas e providências de caráter prático para a melhoria do padrão alimentar do brasileiro, como também prestou a sua inestimável experiência e cooperação a dois dos nossos mais importantes serviços sociais: ao Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT) e ao Serviço Social da Indústria (SESI).

Próvido do bem-estar da comunidade, em ambos êstes organismos revelou a pujança do seu notável espírito público, forrado pelo de médico que nunca deixou de ser.

Paralelamente aos objetivos de ordem econômica e técnica que estas entidades buscam alcançar, procurou êle, altruisticamente, desenvolver um plano médico-assistencial que visava, acima de tudo, valorizar o homem, a fim de que a sua existência não fôsse amargurada por frustrações e sofrimentos.

Sentindo a tragédia íntima das almas que palpitavam ao seu lado, em vez de um provedor de misericórdias, fêz-se um provedor de assistência social.

4.º) — *No plano das atividades internacionais* lavrou tento portentoso e estupendo, que transcendeu a meta do seu tempo: a criação da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Ave de arrebatados vãos, não se alcandorou nas cimeiras dêste Solar, em tórno do qual amorosamente fêz gravitar sua vida. Buscou, muitas vêzes, céus bem mais distantes.

A Organização Mundial da Saúde, a um recuo de duas décadas, afigurava-se como utopia a desafiar os mais arrojados visionários; era como se fôsse um moinho de vento contra o qual só investiriam destrambelhados sonhadores.

Ao mais exaltado dos devaneadores ela não passaria de uma inconcebível audácia.

No entanto, o nosso denodado Paula Souza, encadeador de entusiasmos, deitando contas às suas forças, triunfou onde qualquer outro falharia. Como membro da delegação brasileira à Conferência de São Francisco, batendo-se pelos que tinham fome e sede, que careciam de compreensão e de amor, foi o primeiro a desfraldar impávidamente a nova bandeira que, derrubando as muralhas das fronteiras, sobrepôs, aos interesses nacionais, os interesses gerais da humanidade.

Sem tardança, viu o seu nobilíssimo anseio convertido em prestimoso organismo internacional, onde se alteiam hoje as inteligências e as culturas exponenciais de todo o mundo médico e do qual passaram a fazer parte 62 diferentes Nações. O empreendimento foi eloqüentemente revolucionário no seu significado social, ou, em outras palavras, no sentido mais amplo da fraternidade universal.

Foi, assim, o nosso renomado obreiro um daqueles eleitos que nasceram para construir mundos melhores.

Não é necessário que relembre aqui quais os propósitos da Organização Mundial da Saúde e quão generosas têm sido as benesses colhidas desde que ela passou a desincumbir-se de suas atribuições.

Em tôdas as latitudes e em tôdas as longitudes, em todos os continentes faz sentir a sua presença, substituindo o domínio da dor pelo domínio da esperança. Destarte, não mais se justifica a exclamação angustiada daquele altruísta que, com a alma alanceada pelo sofrimento humano e inconformado com a indiferença dos homens implorava, levantando contritamente as mãos para os céus: — “Senhor, perdoai-nos por olharmos o mundo com olhos enxutos!”

Evocando a execução de Sócrates, conta-nos Platão, em páginas sublimes, por certo conhecidas de todos os presentes, a tranqüila coragem com que o excelso filósofo, em imolação ao ideal de seus ensinamentos, enfrentou a temida hora derradeira.

Depois de primorosa digressão sôbre os destinos humanos e de exortar os seus fiéis discípulos que lhe prestavam companhia a resignarem-se e não se darem por vencidos ante a chegada de tão patético instante, elevando a voz chamou resolutamente pelo carcereiro e determinou que lhe preparasse e trouxesse a beberagem fatídica.

Sorveu-a de um só trago e pôs-se a caminhar, conforme lhe fôra aconselhado, de um lado para outro de sua cela, a fim de apressar o efeito tóxico da cicuta.

Ao perceber que os seus membros já entorpecidos principiavam a claudicar, estirou-se no catre, cobriu-se com o lençol que lhe serviria de mortalha e dispôs-se a aguardar serenamente que a chama da vida se extinguisse.

Ao pressentir que poucos minutos lhe restavam, voltou-se para o seu dileto Criton e pediu-lhe que não se esquecesse de sacrificar, sôbre o altar de Asclépio, o galo de que era devedor. Rogava-lhe, assim, que o desobrigasse do pagamento dessa dívida sagrada. Foi esta a sua última recomendação.

Assim, inspirados neste inesquecível episódio, nós, que cultuamos a memória do inolvidável Magister e que somos responsáveis diretos por parte significativa do seu valioso legado, ao cedermos os nossos postos aos nossos eventuais substitutos, haveremos de recordar-lhes, nesse momento, que hosanas e

gratidão devem ser tributados à memória querida do Mestre que ora reverenciamos.

Haveis de convir, senhoras e senhores, ante tão nobres e nímios feitos, que o imaginoso campeador não batalhou inglòriamente contra moinhos de vento.

Com a maior isenção de ânimo e sem quebra de respeito às egrégias figuras médicas do passado e do presente, às quais tributo a mais sincera reverência e a maior admiração, afianço-vos não conhecer, no Brasil, ninguém que, mais do que Paula Souza, tenha engrandecido e dignificado o ensino da Higiene e da Saúde Pública.

Paula Souza faz jus, deveras, a um lugar no coração do povo paulista e do brasileiro, a quem deu o que pôde e o quanto pôde. Fêz do magistério a razão, a finalidade e a justificação da sua profícua e abençoada existência. Mais do que um higienista emérito, foi êle notável cidadão, um benemérito da Pátria comum.

A sua vida converteu-se em um exemplo e um ensinamento. Ela contraria, assim, o que pretende o prosaísmo utilitarista moderno: que aquilo que pertence ao passado, não possui mais realidade. É por êste motivo que nós, da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, que tivemos a ventura e a honra de ser seus discípulos e amigos, confessamos, como tantas vêzes já o fizemos, a nossa imperecível admiração e o nosso eterno reconhecimento a Geraldo de Paula Souza.

Elevemos o nosso pensamento e reverenciemos o Mestre insigne, que tanto enobreceu a Pátria.

DISCURSO PROFERIDO PELO PROFESSOR ASSOCIADO
RUBENS AZZI LEAL NA CERIMONIA COMEMORATIVA DO
12.º ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DO PROF. GERALDO
H. DE PAULA SOUZA, A 2 DE MAIO DE 1963

DISCURSO PROFERIDO PELO PROFESSOR ASSOCIADO
RUBENS AZZI LEAL* NA CERIMÔNIA COMEMORATIVA
DO 12.^o ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DO PROF. GE-
RALDO H. DE PAULA SOUZA, FUNDADOR E PRIMEIRO
DIRETOR DA FACULDADE DE HIGIENE E
SAÚDE PÚBLICA

Senhora Paula Souza

Senhores Professores

Senhoras e Senhores

A data de hoje se reveste, para todos nós discípulos de Paula Souza, de intenso significado. Há doze anos falecia, em pleno labor, o saudoso mestre.

Anualmente, nesta efeméride, cumpre a um dos membros desta Casa lembrar a inolvidável figura do seu fundador. Coube-me hoje a missão de falar em nome da Colenda Congregação, por designação do Senhor Diretor. É encargo que transcende de minhas possibilidades — eu o reconheço — mas que pela sua própria significação — a de uma sentida homenagem à sua inesquecível figura, não permitiria recusa.

A personalidade marcante de Paula Souza, a vida intensa que viveu, a obra grandiosa que nos legou, oferecem tais e tantas facetas a analisar e recordar que, paradoxalmente, torna-se difícil fazê-lo, inda mais dentro das naturais limitações de uma singela oração de saudade.

Com freqüência, em ocasiões semelhantes, têm sido lembrados aspectos culminantes da sua obra, referentes às suas realizações no campo do magistério universitário e da saúde pública. Formado pela Escola de Higiene da Universidade de Johns Hopkins, juntamente com seu inseparável amigo e grande sanitarista também, Borges Vieira, desde então dedicou sua vida à medicina preventiva. Sua atuação à testa do antigo Serviço Sanitário do Estado constituiu verdadeiro marco da nossa história sanitária: criou os Centros de Saúde, introduziu o regime de tempo integral de trabalho, instituiu a cloração das águas de abastecimento, remodelou completamente a estrutura da nossa organização sanitária, dando novo e fecundo sentido a toda a saúde pública paulista.

No campo do ensino, destaca-se sua atividade pioneira como catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina, onde tivemos a honra de ser seu assistente, já em 1936. Foi o fundador e diretor do Instituto de Higiene, onde criou, entre outros, vários cursos regulares de saúde pública para formação de médicos

* Professor Associado da Cadeira de Parasitologia Aplicada e Higiene Rural da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP.

sanitaristas, educadores sanitários e nutricionistas, e, finalmente — a coroação de toda sua obra educacional — fundou esta Faculdade de Higiene e Saúde Pública, sem favor um dos mais pujantes centros de ensino da Saúde Pública no mundo.

Ultrapassando as lindes de nossa Pátria, projetou-se Paula Souza no âmbito internacional, no Comitê de Higiene da antiga Ligas das Nações, na UNRRA e na Organização Mundial de Saúde.

A sumária e incompleta menção que acabamos de fazer de suas realizações, que nos impressionam pelo vulto e multiplicidade, justifica de sobejo que tenha sido este o aspecto da vida de Paula Souza que mais freqüentemente foi abordado pelos seus biógrafos, aqui e alhures. Mas, na figura impressionante de Paula Souza, muito resta ainda que analisar e que admirar. O tempo transcorrido é ainda insuficiente para que se possa conhecer, julgar e avaliar, na sua plenitude, o sentido e a profundidade de sua vida e sua obra.

É mister que todos que tiveram a ventura de ser seus colaboradores ou discípulos tragam seus depoimentos e recordações do mestre, para que se torne possível aos pósteros avaliar com justeza o que hoje não podemos apreciar em toda sua extensão. E, nesse pensar, nós que tivemos o privilégio de com ele conviver durante duas décadas, queremos, hoje, trazer nossa modesta contribuição, destacando um aspecto de sua personalidade, para nós, o fundamental, e que explica a surpreendente atuação deste eminente brasileiro. E esse traço marcante, que como um “leit-motiv” acompanha toda sua vida, era a sua Fé. Fé, não como virtude teologal, mas como atitude espiritual que leva, pelo seu vigor irresistível, à concretização de nobres ideais.

Geraldo de Paula Souza foi um homem de fé: fé serena, profunda e inabalável nos homens, na ciência e na vida, fé que foi a grande mola propulsora de toda sua obra. Fé arraigada profundamente no seu coração, de tal forma que diríamos, repetindo Cícero, não poderia ser arrancada nem pela violência, nem pela astúcia.

A fé foi, a nosso ver, o aspecto dominante e característico da personalidade de Paula Souza. Foi a força indomável que lhe deu inspiração e energia para a idealização e a efetivação de sua obra imorredoura e diversificada, mas que tinha como denominador comum o amor e o respeito ao Homem, como a mais pura e elevada expressão de criatura divina. E por esse prisma via Paula Souza o mundo, acreditando inabalavelmente em tudo o que de bom, nobre e belo existe no universo, como também era boa, nobre e bela a sua alma: “l’univers n’est que le reflet de notre âme”. Pensava e agia construtivamente, positivamente, procurando e encontrando o lado bom de tudo, ao contrário daqueles cuja principal atitude se resume em criticar, menosprezar, destruir, quando não se quedam no comodismo da inércia e indiferença.

Paula Souza acreditava religiosamente no homem, na família, na sociedade, nas instituições, na ciência, na solidariedade humana, na Pátria, na cooperação

internacional e, como meio de atingir seus nobres objetivos, acreditava no poder do estudo, do trabalho e de um espírito aberto, compreensivo e cooperador.

Porquê pôde êle reunir, em tórno de si, uma plêiade de discípulos dedicados, que ainda aqui estão produzindo e trabalhando no sagrado afã de continuar e perpetuar a obra e a tradição do mestre? Seria apenas pelo fascínio de sua personalidade e da sua invulgar cultura? Mais do que isso: é que para todos êles, transparecia límpida a fé que o chefe neles depositava, o que lhes impunha — aos moços de então — a plena consciência do seu dever e lhes transfundia o entusiasmo e a confiança do mestre. E porque assim agia, Paula Souza era um líder inigualável, que, a despeito da amenidade de seu trato, sempre manteve o respeito que de todos merecia e o prestígio hierárquico que lhe advinha de fonte natural e legítima e nunca de autoritária imposição.

Tinha Paula Souza fé nos homens, vislumbrando sempre através da ganga das terrenas imperfeições, o universal anseio de bondade e de justiça que Deus incutiu no homem. Acreditava êle no homem como individuo isolado e como ser gregário; na família — de que a sua é modelo incomparável —, na sociedade e nas instituições democráticas por ela criadas. Confiava no Brasil e no seu futuro, não com romântico “ufanismo”, mas com plena convicção de que nossas dificuldades são próprias do período de desenvolvimento que vivemos e que, superada essa fase, caminharemos inelutavelmente para um grandioso destino. Tanto mais digno de realce êsse patriotismo, quando sabemos que fez grande parte de seus estudos no estrangeiro e mercê da posição de destaque internacional que ocupava, bem conhecia as mais modernas conquistas do mundo civilizado. Mas era sua Pátria, seu torrão natal, que lhe merecia um amor acrisolado em harmônica continuidade da tradição patriótica de seus antepassados, já no Império, já na Convenção de Itú, já no regime republicano.

Acreditava Paula Souza firmemente no valor do estudo, do trabalho — clima, em que sempre viveu — na ciência como um todo e, especialmente, na saúde pública, a qual devotou, tóda sua vida. E isso, conjugado com sua fé na solidariedade humana fê-lo lídimo paladino da aplicação da ciência sanitária em benefício do povo. Essa foi a sua pregação constante, cujos frutos, ainda em vida, viu amadurecerem no êxito das grandes iniciativas sociais de que foi o mentor, e que visavam a melhoria do padrão educacional e sanitário do trabalhador.

E no setor internacional ainda essa mesma fé nos altos ideais da ciência sanitária e na necessidade de cooperação entre as nações, fez com que êle fôsse o bom semeador que lançou as bases da Organização Mundial de Saúde, para cuja criação contribuiu decisivamente, ganhando para sua idéia — pela sua crença e pelo seu singular poder de persuasão — o apóio das grandes potências, na Conferência de São Francisco.

Criada a OMS, o reconhecimento universal da vigorosa atuação de Paula Souza e das suas excelentes qualidades de cultura e liderança, elevou-o aos mais importantes cargos na novel organização.

E começa, então, outra fase brilhante de sua vida, infelizmente, a derradeira. Desenvolvendo intenso labor no âmbito internacional, realizando sucessivas viagens por todo o mundo, já com a saúde abalada, sacrificou-se Paula Souza, imolou-se no altar de sua fé e da sua crença pelos seus sublimes ideais. O esforço inaudito de toda a sua vida, que já lhe havia exigido o sacrifício de suas conveniências pessoais e do doce convívio de sua família, veio a exigir agora um outro, o último, do qual Paula Souza, como médico, tinha plena consciência. Não obstante, prosseguiu na extenuante luta e pagou o preço final que lhe era exigido — o sacrifício de sua vida.

Completam-se hoje doze anos que aquele coração generoso, que tão intensamente palpitou por tudo que era nobre e legítimo, ficou inerte, pondo termo a uma vida que, entre o gemido do nascimento e o gemido da morte, brilhou com luz ofuscante, que é ainda hoje e será por todo o sempre, o farol imperecível a iluminar o caminho da redenção sanitária da nossa Pátria.

São Paulo, 2 de maio de 1963



Fig. 3 – Assinatura das Convenções Sanitárias Internacionais de 1944, Washington, D.C., 1.º de maio de 1945.

Sentados (da esq. p. direita): Lord Halifax (Grã-Bretanha); Prof. Andre Mayer (França); Secretário de Estado Edwards Stettinius (Estados Unidos); Embaixador da Polônia, e Sr. Herbert H. Lehman, Diretor Geral da UNRRA.

Em pé (da esq. p. direita): Dr. Wilbur A. Sawyer, Diretor da Divisão de Saúde da UNRRA; Dr. P. W. Kuo, Diretor da UNRRA; Sr. Habicht; Sr. Francis B. Sayre, Conselheiro Diplomático da UNRRA, e Dr. G. H. de Paula Souza, Chefe da Divisão de controle Epidemiológico da UNRRA.

A morte súbita de Geraldo Horácio de Paula Souza, a 2 de maio de 1951, na véspera de sua partida para Genebra, onde participaria da IV Assembléia Mundial de Saúde, a todos surpreendeu e feriu.

Em sua memória realizaram-se sessões solenes, e cartas de condolências de seus pares e amigos afluíram de todos os quadrantes da terra. Nelas, num mesmo acarreto com as expressões de pesar, sua personalidade de escol foi exaltada.

Por sua importância documentária, consideramos oportuno reproduzir:

1. a conferência do Prof. Rodolfo dos Santos Mascarenhas, sob o título "Paula Souza, o Sanitarista Social", realizada em 1951 na Associação Paulista de Medicina, que história, principalmente, sua atuação durante os sete anos em que foi Diretor Geral do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo.
2. O discurso da Rajkumari Amrit Kaur, Presidente da IV Assembléia Mundial de Saúde, que situa Paula Souza como um dos fundadores e conselheiros da Organização Mundial de Saúde.
3. Fac-similes de algumas dentre as inumeráveis cartas do arquivo de sua digníssima espôsa, depoimentos da universalidade de Paula Souza, e do alto conceito em que era tido pelos seus companheiros de trabalho no campo da saúde pública.

1. “PAULA SOUZA, O SANITARISTA SOCIAL”, CONFERÊNCIA REALIZADA PELO PROF. RODOLFO DOS SANTOS MASCARENHAS, NA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA, EM 1951.

(Transcrita dos *Anais de Enfermagem*, 4 (3): 231-240, jul. 1951).

PAULA SOUZA, O SANITARISTA SOCIAL**

Palestra proferida pelo Prof. Rodolfo dos Santos Mascarenhas* no Departamento de Higiene e Medicina Tropical da Associação Paulista de Medicina, a 5 de junho de 1951.

Fugindo um pouco ao convencionalismo, não irei aqui fazer um necrológio na acepção usual, mas relatar, em palavras simples de amigo e discípulo, os principais aspectos da vida pública de um grande cidadão.

A Monarquia legou ao regime republicano um serviço de saúde pública arcaico, muito centralizado, exercendo suas atividades em todo o país, através de uma Inspetoria de Higiene, para os serviços terrestres, e da Inspetoria Geral de Saúde dos Portos. Em cada Província existia apenas um Inspetor de Higiene e, em cada cidade ou vila, quando possível, um delegado de higiene quase sempre ausente, por falta de verba e interesse governamental.

A jovem República viu multiplicarem-se imediatamente certos problemas de saúde pública, ligados à incidência de doenças infecto-contagiosas, endemo-epidêmicas: a varíola, desde os tempos da Colônia, fazia dezenas de milhares de vítimas em todo o território nacional, deixando estigmatizados os que tiveram a ventura de resistir ao seu ataque. A febre amarela assenhoreou-se dos principais portos do país, afugentando do Distrito Federal o corpo diplomático e fazendo, de quando em vez, excursões pelo interior, tornando desertas cidades progressivas, como Campinas. A peste bubônica e o cólera, doenças exóticas, aqui chegaram, com tendência a se fixarem.

Uma constituição elaborada sob muito idealismo, mas fugindo, em alguns setores, à realidade nacional, descentralizou abruptamente os serviços de saúde pública, entregando-os aos governos estaduais.

A visão de dois grandes estadistas, um no Governo Federal — Rodrigues Alves e outro no estadual — Peixoto Gomide, foi buscar em dois técnicos, nascidos em terras paulistas, os líderes da fase epidemiológica de nossos serviços de saúde pública: um modesto e jovem pesquisador em laboratório, Oswaldo Cruz e um humilde batalhador da saúde pública, Emilio Ribas.

Os serviços federais e estaduais de saúde pública foram reorganizados pelos mesmos, de modo a se aparelharem para a missão a ser cumprida. Eram típicos dessa fase epidemiológica da saúde pública laboratórios para diagnóstico de doenças infecto-contagiosas, para produção de sôros e vacinas e exames de alimentos; uma repartição de estatística e outra de engenharia sanitária e

* Professor Catedrático de Técnica de Saúde Pública da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP.

** Transcrito dos **Anais de Enfermagem**, 4 (3): 231-240, jul. 1951.

um ou mais órgãos com pomposo, majestoso aparelhamento para desinfecção e meio físico.

Uma vez adaptadas as respectivas repartições, a ação dêsses dois grandes líderes foi rápida e decisiva: a varíola foi controlada; a febre amarela epidêmica desapareceu praticamente do país, assim como o cólera que jamais voltou. A peste bubônica não mais surgiu em sua forma epidêmica e, cada vez que veio de outras plagas, encontrou para combatê-la aparelhamentos eficazes, organizados pelos dois cientistas paulistas.

As epidemias mais graves já estavam no passado. A morte fêz desaparecer, prematuramente, Oswaldo Cruz. A intriga, a rivalidade de pigmeus intelectuais puzeram de lado Emílio Ribas.

Os serviços de saúde pública, quer federais, quer estaduais, retrogradaram para buscar no passado longínquo o saneamento do meio físico como seu principal escopo.

Nova era surgiu: a da polícia sanitária que impregnou todos os códigos da fiscalização rotineira de casas, a de combate a certas endemias através da vacinação compulsória. Foi a época da polícia, sempre polícia intervindo na ação sanitária, acomodando situações quando o inspetor ou guarda sanitário estava à vista. Essa mentalidade perdurou e, infelizmente, ainda perdura, bem com muito menor intensidade, até o presente momento. A luta contra essa prática rotineira foi a primeira luta de Geraldo Horácio de Paula Souza.

Poucos meses antes do advento da República, nasceu na cidade de Itaquaquecetuba, cidade de onde surgiu o grupo de idealistas que sonhou e conseguiu levar avanço o movimento republicano no país, uma criança. Deram-lhe, na pia batismal, o nome de Geraldo Horácio. Sobre os ombros dêsse infante pesou a tradição de uma família pioneira e a herança intelectual de um pai — Antonio Francisco de Paula Souza — que se sobressaiu como engenheiro insigne, fundador da Escola Politécnica de São Paulo.

Graduou-se Geraldo Horácio na Escola de Farmácia de São Paulo, em 1908. Tendo frequentado também o Curso de Química da Escola Politécnica, pareceu encaminhar-se para os mistérios dessa especialização. Matriculou-se, porém, na Faculdade Nacional de Medicina, colando grau em 1913, depois de frequentar cursos na Alemanha e Suíça.

Tudo indicava que o jovem médico seguindo seus pendores, continuaria a especialização em química. Foi, entre 1914 e 1918, Assistente da cadeira que prelecionava essa matéria na recém-fundada Faculdade de Medicina de São Paulo.

Arnaldo Vieira de Carvalho compreendeu, em sua genialidade criada, a necessidade de entregar o prelecionamento da cadeira de Higiene da nova instituição universitária, a técnicos conhecedores de uma especialização então inexistente em São Paulo. Trouxe a cooperação da "The Rockefeller

Foundation" e com ela Samuel Taylor Darling, especialista de grande nomeada em seu país, antigo auxiliar de Gorgas nas obras de saneamento do Panamá.

Paula Souza, o jovem Geraldo Horácio, é nomeado, em 1918, Assistente dêsse mestre, entrando para os misteres dessa especialização, descobrindo enfim sua grande vocação. Vai, com seu companheiro e amigo de sempre, Francisco Borges Vieira, para os Estados Unidos, onde ambos, frequentando a primeira turma da Escola de Saúde de Johns Hopkins, receberam o grau de Doutor em Saúde Pública.

Em 1922, os serviços estaduais de saúde pública, em São Paulo, entraram em nova fase de atividade, ligando-se, direta ou indiretamente, a Paula Souza, até o trágico maio de 1951. Tornou-se professor catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo e o Serviço Sanitário recebeu o jovem mestre como seu Diretor, entrando em uma nova trilha, a da higiene total, global, da higiene que não vê atividades especializadas, individualistas, mas sim a sociedade em geral.

Como Diretor Geral do Serviço Sanitário teve que enfrentar um problema grave, de solução imediata: surgiu, na Capital do Estado, uma epidemia de febre tifóide. Não quis ficar nas medidas rotineiras: imunização inócua no caso, conselhos educativos, isolamento de doentes e suspeitos. Procurou a origem do surto. Encontrou-a: era a água retirada do rio Tietê como solução de emergência, em local da vazante e onde residia um barqueiro portador da mesma doença. Propôs uma medida radical: cloração da água do abastecimento público! Muitos pseudo-técnicos surgiram, por todos os lados, insurgindo-se contra essa solução técnica. Até o próprio chefe da Repartição de Águas, engenheiro insigne, achou-a absurda. Paula Souza foi tenaz. Apresentou aos governantes dados técnicos convincentes. A cloração da água foi realizada e desde então a febre tifóide não apresentou mais os ápices epidêmicos de outra na Capital do Estado.

Em 1923, apresentou um relatório ao Secretário do Interior, sôbre as atividades do Serviço Sanitário no ano anterior e as medidas necessárias para ampliá-las e melhorá-las. É êsse relatório, infelizmente nunca publicado, um verdadeiro tratado de Higiene e Saúde Pública. Estudou, durante mais dois anos, a organização arcáica do órgão que dirigia e, em 1925, propôs, a sua primeira grande obra, a reorganização total dessa repartição estadual, fazendo com que a mesma deixasse de lado a imensa ênfase dada ao saneamento do meio físico e entrasse em nova fase. As medidas propugnadas então por Paula Souza não podem ser descritas em poucas linhas, sendo por si sós assunto para uma monografia. Suas idéias podem ser resumidas, precariamente, nos seguintes tópicos:

A desinfecção terminal, símbolo de antiquada tendência, deveria desaparecer com todo o seu obsoleto material, por desnecessária, por não ter apoio em nenhuma medida científica.

Tôda a ação sanitária local deveria ser feita através de um único órgão local de saúde pública: o centro de saúde, criado pela primeira vez na América Latina.

O centro de saúde não poderia ser um órgão estático, à espera de doentes ou suspeitos interessados em procurá-lo. Mister se fazia sua ação fôsse dinâmica, indo à procura de todos os membros da coletividade, fôssem sãos, supeitos ou doentes.

A polícia sanitária, tão a gôsto dos antigos dirigentes da saúde pública, deveria ser colocada em situação secundária, sendo empregada como medicação excepcional. A população deveria assimilar os preceitos necessários de higiene individual através da educação sanitária. As atividades de saúde pública se podem ser exercidas, com a devida eficiência, por meio de técnicos devidamente formados. O Instituto de Higiene foi reconhecido pelo Governo do Estado. Não contando com enfermeiras para exercerem as funções de visitadoras do Centro de Saúde, atraiu, ao Instituto, professoras primárias, deu-lhes um curso intensivo de um a dois anos. Nasceu assim a profissão de educador sanitário, criação exclusiva de Paula Souza.

Os estudantes da Faculdade de Medicina recebem, no Instituto, durante um ano, noções de Saúde Pública. Cada aluno faz um relatório detalhado sobre os assuntos de saúde pública de um município. Surgiu assim a Carta Sanitária do Estado.

Novos cursos foram sendo criados por Paula Souza no Instituto, posteriormente Faculdade de Higiene: Normal de Saúde Pública para médicos, de Nutricionistas (1939), Normal de Higiene e Saúde Pública para engenheiros (1948), Administração Hospitalar (1951). A morte o surpreendeu quando pretendia criar, em futuro próximo, um curso de especialização em Higiene e Saúde Pública para enfermeiros e um curso para inspetores sanitários.

A Saúde Pública deve ser exercida por técnicos trabalhando em regime de tempo integral. Dificuldades financeiras fizeram com que estendesse esse regime de dedicação plena ao trabalho público, a um diminuto número de médicos do Serviço Sanitário, mas, no Instituto de Higiene, os seus assistentes, em sua grande maioria, se enquadravam nesse sistema de trabalho.

Em sua reforma do Serviço Sanitário, organizou serviços especializados de alimentação pública, fiscalização das profissões médicas e afins, da higiene do trabalho e da profilaxia da lepra.

A resistência a essa quase revolução na mentalidade dos sanitaristas e então, foi imensa. A luta travada na Assembléia Legislativa refletiu essa mentalidade apegada à rotina do passado. Os Anais da Assembléia Legislativa de 1925 estão repletos de exemplos, como o seguinte trecho um tanto confuso e um discurso de deputado, aliás, médico:

“Querer-se agora dar educação sanitária por meio de conferências, feitas por médicos, acadêmicos e uma nova entidade que são os educadores, educadores especializados ou simples educadores. Estes serão professores que, depois de um curso de um ano praticado no Instituto de Higiene irão fazer — não fazer bem o que, porque não sendo médico, não tendo educação especializada, pouco ou muito pouco poderão fazer”.

A reforma sofreu cortes. Os quatro centros de saúde idealizados por Paula Souza foram reduzidos a um. Não desanimou o mestre. Com lei ou sem lei, organizou as unidades sanitárias planejadas.

Paula Souza deixou, em 1927, o Serviço Sanitário. Três anos depois, com tristeza, viu os seus adversários conseguirem extinguir os poucos centros de saúde que pudera criar. Não esmoreceu. Reorganizou, com verba do Instituto de Higiene, o Centro de Saúde mantido até então junto a esse Instituto pelo Serviço Sanitário. Insistiu em suas idéias e cada aluno que sai desse órgão universitário, ao completar os seus estudos, leva consigo os sadios ensinamentos do insigne mestre, contagiado pelo seu entusiasmo em prol do “centro de saúde — eixo da organização sanitária”.

A sua tristeza em fevereiro de 1931 foi, felizmente, passageira. Humberto Pascale, em coperação com Alvaro Camera e Adamastor Cortez então, respectivamente, delegados de saúde de São Carlos e Guaratinguetá e com o auxílio precioso do então alto funcionário do extinto Departamento das Municipalidades, Sr. Oswaldo Fonseca, semeou pelo Estado, postos de higiene municipais, núcleos futuros dos centros de saúde criados legalmente, em 1938, na reforma de Godinho.

O Instituto de Higiene foi transformado, em 1945, em Faculdade de Higiene e Saúde Pública, aparelhando-se melhor para a formação de técnicos em Saúde Pública. Paula Souza foi sempre o seu Diretor, nunca deixando de ser reconduzido unânimeamente a esse posto pelos colegas de Congregação e confiança dos governadores.

Compreendeu, ao sair da Diretoria Geral do Serviço Sanitário, que a Saúde Pública não devia ficar apenas no âmbito de um país. Convidado, foi para Genebra em 1927, assumindo o cargo de técnico da Secção de Higiene da Liga das Nações. A serviço desse órgão, percorreu diversos países da Europa e do Norte da África. Iniciou a sua carreira de sanitarista internacional. Retornou ao país em 1929.

Dez anos depois, em 1939, foi designado pelo Presidente do Estado, a convite do governo do Japão, para em missão de intercâmbio cultural, visitar o longínquo oriente. Percorreu, em sua tarefa, o Japão, a Coréia, a Mandchuria e a China.

Fêz parte da delegação do Brasil à XI Conferência Sanitária Pan-Americana realizada no Rio de Janeiro em 1942. Foi, em 1943, aos Estados Unidos, a convite da Associação Americana de Saúde Pública e da Repartição Sanitária

Pan-Americana, participar dos trabalhos da 72ª Reunião Anual de Saúde Pública e do 1.º Congresso Inter-Americano de Diretores de Escolas de Higiene. Teve a honra de ser eleito vice-presidente da Associação Americana de Saúde Pública. Convidado no ano seguinte, aceitou a chefia da Divisão de Contrôlo Epidemiológico da UNRRA, ficando também encarregado da administração das convenções sanitárias internacionais.

Gostava de afirmar posteriormente a seus discípulos que esta foi uma das missões que mais lhe agradaram, visto êsse organismo internacional aplicar nos países devastados pela guerra, a saúde pública total, social, enviando para os mesmos, alimentos, roupas, maquinários agrícola e industrial, reprodutores equinos e bovinos e finalmente sanitaristas e material sanitário.

Foi designado, em 1945, pelo Governo Federal, para fazer parte da Delegação Brasileira à Conferência de São Francisco. Propôs e conseguiu nesse congresso internacional, onde predominavam políticos, militares e economistas, que na Carta de São Francisco se inscrevesse o termo "Saúde Pública" inexistente no projeto de DUMBARTON OAKS. Com a colaboração da China, então uma das quatro grandes potências, sugeriu a criação da Organização Mundial de Saúde. Essa proposta deu em resultado a nomeação, pelas Nações Unidas, de uma comissão que, em Paris, elaborou um projeto que foi discutido pela Conferência Internacional de Saúde reunida em Nova York em 1946. Foi o Prof. Paula Souza o delegado brasileiro nessa conferência e vice-presidente da mesma. Aprovados os estatutos da nova Organização Mundial de Saúde, foi nomeado membro da organização interina dessa entidade e um dos seus vice-presidentes. Nos preâmbulos da Carta dêsse novo organismo internacional de saúde pública há os seguintes tópicos que o inesquecível mestre se comprazia em repetir em suas aulas, como que exteriorizando a sua mentalidade de sanitarista social:

"Saúde é o completo bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade". "A obtenção do mais alto padrão de saúde é um dos direitos fundamentais de cada ser humano, sem distinção de raça religião, crença política, condições econômicas ou sociais".

A despeito do árduo trabalho de professor catedrático e Diretor de uma Faculdade, a despeito das inúmeras e complexas atividades exercidas como representante do Brasil na Organização Mundial de Saúde, obrigando-o a viajar quatro vezes por ano à Europa, Paula Souza assumiu, em 1946, sem qualquer remuneração, uma nova responsabilidade. Desejava demonstrar, fora das atividades governamentais, a possibilidade de dar ao operário o direito à saúde. Foi designado orientador técnico, em matéria de assistência médico-social, do Serviço Social da Indústria, em São Paulo, desenvolvendo um vasto programa de auxílio aos trabalhadores.

Sua obra foi vultosa neste novo campo de assistência médico social. A sua ação foi aqui tão revolucionária como aquela imprimida, entre 1922 e 1927, no antigo Serviço Sanitário. Pode ser sintetizada nos seguintes tópicos:

Assistência médica hospitalar a todos os operários, a mais eficiente e menos dispendiosa possível. Não construiu palácios, o usual em nosso país, para nêles instalar essas atividades. Demonstrou que simples barracões, antigos armazéns podem ser utilizados. O mais importante é a racionalização do trabalho técnico através de material o mais adequado possível para a devida seleção de pessoal. Os ambulatórios e hospitais do SESI são os testemunhos da visão genial de Paula Souza que, mais uma vez, rompeu com o ramerrão do tradicionalismo brasileiro.

Melhoria da alimentação do operário, por meio de fornecimento, no local de trabalho, ou nas cozinhas anexas aos hospitais, de alimentação adequada e barata, por preços às vezes abaixo do custo. Graças ao trabalho dedicado de nutricionistas pôde cumprir êste seu desejo. Era com prazer quase juvenil que o mestre convidava sociólogos, economistas, políticos, industriais, técnicos de saúde pública, para almoçarem nos restaurantes do SESI e provarem, sem uma modificação sequer, a alimentação fornecida ao trabalhador.

Neste ano pôde realizar um sonho acalentado durante a sua mocidade: organização, através do SESI, de feijoarias que fornecem às famílias de operários, pelo custo, feijão cozido, enriquecido com farinha de soja e arroz com vitamina B1.

Com êste método direto de fornecimento de alimentos, alguns dos quais racionalmente enriquecidos, conseguiu grande melhoria nos hábitos alimentares do operário.

Educação sanitária, intensiva, em nutrição, através de cursos de economia doméstica para jovens operárias. Organizou cursos de culinária e de outras atividades domésticas, onde, seguindo suas diretrizes, jamais fugiu da realidade sócio-econômica paulista.

As aulas são ministradas de acôrdo com os princípios hodiernos de nutrição e com as possibilidades econômicas das alunas.

Cêrca de 12.000 operárias são graduadas anualmente, em todo o Estado, nesses cursos que, a meu ver, representam a maior obra educativa que o mestre pôde oferecer à classe operária, representando uma verdadeira revolução nos usos e costumes alimentares da população obreira.

Exame médico roentgenfotográfico dos operários através de dois equipos móveis suplementando as atividades estatais nesse setor.

Exame de sangue, em massa, para o diagnóstico de sífilis. Os operários com reação positiva são tratados no próprio local de trabalho.

Assistência dentária a preço de custo do material, a todo trabalhador.

Paula Souza demonstrou nesse setor de suas atividades de higienista e sociólogo que, cada vez mais, se esvanecem as pequenas nuances entre a medicina

preventiva e a curativa, deixando lugar apenas para a medicina de saúde, uma indivisível.

Diz o poeta que viver é lutar.

Paula Souza viveu e lutou, colocando acima de tôdas as suas conveniências pessoais os seus ideais de sanitarista introdutor e incentivador da higiene social no país. Viveu lutando. Foi ferido pela doença fatal em sua mesa de trabalho, em um domingo, quando preparava os relatórios que deveria levar à Europa.

Viveu lutando, tendo a certeza que seus discípulos continuariam a levar
avante a sua obra, vivendo e lutando.

O seu fecundo trabalho representa como que a fôrça determinadora d uma avalanche. Esta continuará a se desenvolver, a crescer, a avançar ininteruptamente até alcançar o seu destino final: a obtenção, para cada indivíduo do seu direito indiscutível à saúde física, mental e SOCIAL.

2. DISCURSO PRONUNCIADO PELA
RAJKUMARI AMRIT KAUR

HOMENAGEM PRESTADA AO PROFESSOR GERALDO
HORÁCIO DE PAULA SOUZA NA 4.^a ASSEMBLÉIA MUN-
DIAL DE SAÚDE, INAUGURADA EM GENEVRA DIA 7 DE
MAIO DE 1951

(*Fac-simile da Chron. mond. Santé*, 5 (7/8): 212-213, août,
1951)

OMENAGEM PRESTADA AO PROFESSOR GERALDO H.
DE PAULA SOUZA NA 4.^a ASSEMBLÉIA MUNDIAL DE
SAÚDE, INAUGURADA EM GENEVRA
DIA 7 DE MAIO de 1951*.

HOMMAGE RENDU AU D^r DE PAULA SOUZA

Les délégués à la Quatrième Assemblée Mondiale de la Santé ont rendu un hommage unanime au D^r G. H. de Paula Souza (Brésil), décédé quelques jours à peine avant l'ouverture de la session de l'Assemblée. Selon les propres termes de la Rajkumari Amrit Kaur, le D^r de Paula Souza « a été l'un des pères et des fondateurs de l'Organisation Mondiale de la Santé ».



Le D^r G. H. de Paula Souza

C'est lui qui, en qualité de délégué du Brésil à la Conférence des Nations Unies tenue à San-Francisco en 1945, a insisté pour que la notion de « santé » soit inscrite dans la Charte même des Nations Unies et, dans une proposition commune des délégations du Brésil et de la Chine, il avait demandé la convocation d'une conférence internationale de la santé. Plus tard, il a pris part aux travaux de la Commission technique préparatoire de la Conférence, à la Conférence elle-même, à toutes les sessions de la Commission Intérimaire de l'OMS, aux réunions du Conseil Exécutif et aux Assemblées Mondiales de la Santé.

Le D^r de Paula Souza naquit le 5 juillet 1889, dans l'Etat de Sao-Paulo (Brésil). Il commença ses études scientifiques (pharmacie et chimie) à Sao-Paulo. Plus tard, il suivit les cours des Universités de Berne (Suisse) et de Munich (Allemagne). Il obtint son diplôme de docteur en médecine à l'Université de Rio-de-Janeiro, et celui de Doctor of Public Health à la School of Hygiene and Public Health de la Johns Hopkins University, Baltimore, Md. (Etats-Unis d'Amérique), où il fit partie de la première promotion.

Sa carrière de spécialiste de la santé publique s'est déroulée à la fois sur le plan pratique et sur le plan universitaire, sur le plan national et sur le plan international. De 1914 à 1918, il fut Assistant à l'Ecole de Médecine de Sao-Paulo, et simultanément Chef du Laboratoire de Recherches sur la Tuberculose de la Ligue antituberculeuse de Sao-Paulo. Il fut nommé Professeur adjoint d'Hygiène à l'Ecole de Médecine et, en 1922, devint professeur en titre. En même temps, de 1922 à 1927, il remplit les fonctions de Directeur du Service de Santé publique de l'Etat de Sao-Paulo et en profita pour introduire de nombreuses réformes dans l'administration

de la santé publique du Brésil. En 1924, il créa le premier centre sanitaire du Brésil, puis un certain nombre de centres sanitaires ruraux. De 1924 à 1929, il appartient à la Section d'Hygiène de la Société des Nations. Il devint ensuite Directeur de l'Institut d'Hygiène de Sao-Paulo, transformé en 1932 en une école de santé publique dont le Dr de Paula Souza continua d'assurer la direction. De 1944 à 1946, il fit partie de la Division d'Hygiène de l'Administration des Nations Unies pour le Secours et la Reconstruction (UNRRA), où il fut Chef de la Section de la Lutte contre les Epidémies. Malgré ses activités sanitaires internationales, le Dr de Paula Souza conserva son poste de Directeur et Professeur de la Faculté d'Hygiène et de Santé publique à l'Université de Sao-Paulo.

Au cours de sa carrière, brillante et variée, dans le domaine de la santé publique, le Dr de Paula Souza a collaboré à de nombreuses organisations sanitaires et reçu maintes distinctions. Il a rendu de précieux services à l'OMS, qui regrettera vivement ses judicieux conseils et son aide fidèle.

Dans son hommage au disparu, la Rajkumari Amrit Kaur a rappelé tout ce que le Dr de Paula Souza a fait pour l'OMS et pour les services sanitaires du Brésil, son pays natal, et elle a souligné les qualités personnelles qui faisaient de lui une des autorités internationales les plus éminentes en matière de santé publique.

« L'intérêt qu'il [le Dr de Paula Souza] portait à l'OMS n'a jamais faibli ; il a participé à toutes les sessions de la Commission Intérimaire ; il a été nommé et réélu membre du Conseil Exécutif, il a participé à chacune de nos Assemblées de la Santé et mis sa compétence, son temps et sa vaste expérience à la disposition de l'Organisation qu'il avait contribué à fonder. Mais ce n'est pas tout. La diversité des intérêts et des compétences de cet esprit éminent ressort du fait qu'il a été à même de contribuer aux travaux de différents groupes consultatifs d'experts de l'Organisation Mondiale de la Santé, celui de la Déméiologie internationale et de la quarantaine, celui de l'enseignement professionnel technique et celui de l'administration de la santé publique.

« L'œuvre qu'il a accomplie dans le domaine de la santé publique du Brésil, où il a créé vers 1920 son célèbre établissement, l'Ecole de Santé publique et l'Institut d'Hygiène, suffirait à lui assurer notre admiration. Il a formé plusieurs générations de spécialistes de la santé publique, et il était considéré dans son pays comme la pierre d'angle de l'organisation sanitaire.

« L'hommage que nous désirons rendre à notre cher collègue ne serait pas complet si nous ne rappelions ici sa grande modestie, son exquise courtoisie, son extrême bon sens, sa bonne humeur jamais en défaut, son courage personnel et son intégrité morale. / nombreux amis qu'il compte dans son pays et à l'étranger, à ses collègues, à son épouse et à sa fille — que nombre d'entre nous ont eu le plaisir de voir ici l'année passée — je me permets d'exprimer, en notre nom à tous, la profonde douleur que nous causent la disparition du Dr de Paula Souza, en qui nous perdons non seulement l'un des animateurs de l'action sanitaire dans le monde et l'un des fondateurs et des conseillers de l'Organisation Mondiale de la Santé, mais aussi un ami. »

3. FAC-SIMILES DE CARTAS DE EMINENTES SANI-
TARISTAS E HOMENS PÚBLICOS ENVIADAS POR
OCASIÃO DO FALECIMENTO DO PROFESSOR
GERALDO HORÁCIO DE PAULA SOUZA

686, Russell,
Rio, 6.11.57

Prezada Senhora Paula Souza,
O falecimento prematuro e
inesperado de seu marido nos
deixou atônitos. Parecia ter
tanta vida e, ainda há dias, eu
lhe ouvia a voz do aeroporto.

Não conheço nenhum hi-
gienista com a autoridade dele
em Genebra. Era querido de todos e
sabia fazer valer suas opiniões
sem ferir ninguém. Prestou
relevantes serviços ao Brasil,
que perde hoje um de seus me-

lhores filhos. Ingrata a
vida que leva assim do seu
lado, o amigo, o país tão afe-
cionado a ele.

De Caracas, meu irmão e
Senhora pedem associar-se ao
sentimento nesta carta. Grande
admiração e também de Paula
Souza,

Quem aceita com a bela
filha a expressão de nossos mais
profundos pesar. Hélio Lobo

ATA DO MINISTRO HÉLIO LOBO (BRASIL).

Presidente da Delegação do Brasil à Conferência da ONU, S. Francisco, 1945.

O Ministro Hélio Lobo, Presidente da Delegação do Brasil na Conferência de
Francisco, confiou a Geraldo de Paula Souza o «encargo do estudo de problemas que
então surgissem no plenário, referentes à saúde pública». (Souza, G. H. de P. A
nização Mundial de Saúde. [Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948] p. 8 (Minis-
das Relações Exteriores — Documentos V)

Paris, le 31 octobre 1951.

Institut Pasteur
18 RUE DU D^r ROUX, PARIS XVI
TÉL. SÉBAST 01-10

Chère Madame,
de retour d'une mission en Afrique,
j'ai appris avec stupeur la mort de votre
mari que j'aimais et admirais beaucoup.
C'est avec une profonde émotion que je pense
à l'agréable soirée que j'ai eu le plaisir de
passer en 1950 dans votre belle résidence.
de souvenir que je garderai de votre mari
sera celui d'un homme charmant et d'un
savant d'une distinction et d'une culture ex-
tra-ordinaires. Sa mort prématurée est une
perte irremplaçable pour votre pays, pour l'OMS
et particulièrement pour l'Association inter-
nationale de la Lèpre. Car je n'oublierai ja-
mais que si l'OMS a bien voulu s'occuper de la
question de la lèpre, nous le devons entièrement
à ses interventions intelligentes et judicieuses.

Veuillez agréer, chère Madame, pour vous
et pour votre charmante fille, mes sincères
condoléances et l'expression de mon affection
et de mon respect.

U. Chaussinand

ARTA DO DR. U. CHAUSSINAND (FRANÇA).
Chefe do Serviço da Lepra do Instituto Pasteur de Paris. Delegado da Associação Inter-
nacional da Lepra à 3.ª Assembléia Mundial da Saúde, Genebra, 1950.

Para Senhora,

.....A lembrança que guardarei de seu marido será a de um homem encantador e
de um sábio de uma distinção e uma cultura extraordinárias. Sua morte prematura é
uma perda irreparável para vosso país, para a OMS e particularmente para a Associação
Internacional da Lepra. Porque jamais me esquecerei que foi graças a suas intervenções
inteligentes e judiciosas que a OMS quis se ocupar da questão da Lepra...»

Dr. U. Chaussinand

The Hague (Netherlands)

28 May 1951

Dear Mrs de Paula Souza,

When sad news came to me of the
death of your husband. I must say that
I came under the impression
of the tidings as this time.

Professor de Paula Souza was a
man of great character, vision and
energy. He has been the best
able ambassador of his
country and an admirable promoter
of science and public health. We
will forget his fine approach
to difficult persons

as to difficult matters. The
memory of his personality will
be a lightening example for me
in my life.

I remember I met you and
your daughter three years
ago in the Hotel d'Angleterre
in Geneva. May I convey to you
and to her my hearty condolences.

Yours sincerely,
C. J. Goudsmit.

Brusselselaan 18
Scheveningen (The Hague)

ARTIGO DE M. GOUDSMIT (PAISES BAIXOS)

Conselheiro da Delegação dos Países Baixos, à 1.ª Assembléia Mundial da Saúde; Con-
selheiro Jurídico do Ministério dos Negócios Sociais.

Prezada Senhora Paula Souza,

Esta manhã tive a triste notícia da morte de seu marido. Posso lhe afirmar
que raramente uma notícia me causou a impressão que senti.

O Professor Paula Souza era um homem de caráter, de visão, e um intelectual.
Para seu país o melhor embaixador que se poderia imaginar e um admirável promotor da
ciência e da saúde pública.

Jamais esqueceremos o seu modo excepcional de tratar tanto as pessoas difíceis
quanto os assuntos difíceis. A lembrança de sua personalidade ficará em minha vida como
um exemplo inspirador...»

A. J. Goudsmit

Organisation Mondiale de la Santé
Genève, le 7 mai 1951. R

Madame,

Au nom du Comité provisoire
de l'Union internationale d'hygiène
et de médecine préventive, dont votre
marî, avec son obligeance coutumière
et son dévouement à la cause de la
santé, avait bien voulu accepter
la présidence, je m'empresse de vous
présenter les condoléances émues

de tous ceux qui l'admiraient
et l'aimaient. Notre perte est
immense, mais la vôtre,
Madame, est de celles devant
lesquelles nous ne pouvons que
nous incliner très respectueusement
en vous disant que nous conserverons
très pur et très vif le souvenir du
grand bienfaiteur de l'humanité que
fut votre marî. Agrée je vous prie,
Madame, mes hommages dévoués. René Sand

ARTISTA DO PROF. RENÉ SAND (BÉLGICA)

Prof. de Medicina Social da Universidade Livre de Bruxelas; Presidente da Comissão
Técnica Preparatória da Conferência Internacional de Saúde, Nova York, 1946.

Organisation Mondiale de la Santé
Genève, 27 de maio de 1951.

Madame,

Em nome do Comité Provisório da União Internacional de Higiene e Medicina
Preventiva, da qual vosso espôso, com sua habitual afabilidade e sua dedicação à causa da
saúde, tinha aceitado a presidência, apresso-me a vós apresentar as sentidas condolências
e todos aqueles que o admiravam e amavam. Nossa perda é imensa, mas a vossa,
enhora, é destas diante das quais só podemos nos inclinar mui respeitosamente, dizendo-
os que conservaremos sempre pura e mui viva a lembrança do grande benfeitor da Hu-
manidade que foi vosso espôso.»

Dr. René Sand

May 8, 1957

Dear Mrs Paul Souza:

I have just learned, with great sorrow, of Geraldo's death. I considered him to be one of my personal friends, and find it very hard to realize that he is gone.

He was a man of great ability & high attainment. He has done as much for Brazil as any single man of his generation. His scientific ability, his intense devotion to his work, his fine idealism, high character, and strong patriotism made him one of the great public health figures of the world. We shall miss him very much.

Mrs. Smillie & I extend to you our sincere sympathy and affection.

Yours sincerely,
Wilson G. Smillie

CVTURA DE WILSON GEORGE SMILLIE (ESTADOS UNIDOS)

Prof. de Administração Sanitária da Universidade de Harvard, 1929-1938; Prof. de Medicina Preventiva do Cornell Medical College, 1938-?; Conselheiro da Divisão Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller; Diretor contratado do Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo, 1918-1921.

Prezada Senhora Paula Souza

Acabo de saber, com grande pesar, da morte de Geraldo. Eu o considerava meu amigo pessoal, e não posso aceitar a idéia de que tenha morrido.

Era um homem de grande capacidade e de grandes realizações. Fez pelo Brasil que não fez nenhum outro de sua geração. Seu preparo científico, sua imensa dedicação ao trabalho, seu belo idealismo, seu caráter íntegro e seu profundo patriotismo tornaram-no uma das grandes figuras da Saúde Pública do mundo. Sentiremos imensamente sua falta.

Wilson G. Smillie



HOTEL DE LA PAIX

S. A.

QUAI DU MONT-BLANC

GENÈVE

7 May 1951

Dear Mrs. Souza,

I have heard with the deepest sorrow of your
sad bereavement & hasten to send you & your
daughter our sincere sympathy & condolence

The World Health Assembly opened this
morning, & the President spoke feelingly of Dr.
Souza's great contribution to international health
organization. Your husband's name will indeed
go into history as the principal founder of the
World Health Organization, & like many others
of his colleagues I am proud to have been
associated with him in this work. For me personally
his passing is a great loss, ~~as~~ since - as you know -
he was a close friend & colleague of many years.

.....

Unfortunately, I am unable to stay
in Geneva this year beyond the first day of
the Health Assembly, as I have to be in Paris
for another series of meetings connected with
the coordination of the specialized agencies.
However, I am glad to have had the opportunity
of being present on the first day of meeting
many old friends - all of whom spoke most
nicely of your husband and his great contribution
to WHO.

With kind regards,
Yours sincerely,
Szeming Sze Szeming Sze

CARTA DO DR. SZEMING SZE (CHINA)

Da Delegação Chinesa à Conferência das Nações Unidas, São Francisco, 1945; membro
a Comissão Interina da OMS; representante das Nações Unidas à 1.ª Assembléia
Mundial da Saúde, Genebra, 1948.

Prezada Senhora Souza,

A Assembléia Mundial de Saúde abriu esta manhã e o Presidente falou expres-
sivamente da grande contribuição de Dr. Paula Souza para a organização internacional
e saúde.

O nome de seu esposo, na verdade, entrará na história como o principal fundador
da Organização Mundial de Saúde e, como muitos outros de seus colegas, estou orgulhoso
e ter me associado a ele neste trabalho. Para mim pessoalmente sua morte é uma grande
perda, pois — com a senhora sabe — ele foi meu amigo íntimo e colega de longa data...»

Dr. Szeming Sze

Dr. Szeming Sze, da Delegação da China, que juntamente com o Brasil, apresentou à
Conferência das Nações Unidas, em São Francisco, a declaração relativa à cooperação
em matéria de saúde internacional.

PARIS, le 14. V. 51

Madame,

J'ai bien d'apprendre tardivement
le décès de votre mari. Je voudrais vous dire
le sincère regret que j'en éprouve.

J'ai pu seulement parler de lui
à l'occasion d'une accolade émue et cordiale.
Il avait fait sur moi une profonde im-
pression. Il avait toutes les vertus du
grand savant et du parfait uni-
versitaire.

Le Brésil perd un citoyen émi-
nent. Sa remarquable personnalité
avait accru le prestige de l'œuvre,
qui latine dans le monde entier.

C'est une perte irréparable pour
tous ceux qui se sont consacrés
à la médecine sociale ou à
l'œuvre internationale.

J'aurais, Madame, voulu
assurer, vous et toute votre famille,
d'une assurée sympathie.

A. Wauter

Do Centro Internacional da Infância.

ARTA DO DR. A. WAUTER (FRANÇA)

Paris, 14-5-51

enhora,

...Não guardei apenas de sua pessoa a lembrança de uma acolhida efusiva e cordial.
e me produziu profunda impressão. Possuía todas as virtudes do grande sábio e do
feito universitário.

O Brasil perde um filho eminente. Sua irradiante personalidade aureolou o pres-
eio da América Latina no mundo inteiro.

É uma perda irreparável para todos os que se consagram à Medicina Social no
mo internacional...»

Dr. A. Wauter

DOCUMENTOS REFERENTES AOS PRIMÓRDIOS DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE

THE WORLD HEALTH ORGANIZATION: ORIGINS.

(**Fac-simile** de N. M. Goodman: International Health Organizations. Philadelphia, The Blakiston Co., 1952, p. 153)

CONFÉRENCE INTERNATIONALE DE LA SANTÉ, NEW YORK, 1946.

Débats et Actes finaux. New York, Organisation Mondiale de la Santé (Comission Intérimaire), 1948. (Actes Officiels de l'Organisation Mondiale de la Santé, n. 2)

(**Fac-simile** da introdução: 1. Circonstances qui ont déterminé la convocation de la Conférence Internationale de la Santé; 2. Ouverture de la Conférence; 3. Travaux de la Conférence)

ASSEMBLÉE MONDIALE DE LA SANTÉ, 1ère Genève, 1948.

Séances Plénières... Commissions principales... Résumé des Résolutions et Décisions. Genève, Palais des Nations, 1948.

(**Fac-simile** da Ouverture de la session par le Président de la Commission Intérimaire de l'Organisation Mondiale de la Santé et souhaits de bienvenue aux délégations et aux observateurs).

1. THE WORLD HEALTH ORGANIZATION: ORIGINS.

(*Fac-simile* de N. M. Goodman. International Health Organizations. Philadelphia, The Blakiston Co., 1952. p. 153).

WORLD HEALTH ORGANIZATION: ORIGINS*

ORIGINS

The Charter of the United Nations, based on the Moscow Declaration of 1943 and the Dumbarton Oaks Conference in 1944, was adopted and signed at the United Nations Conference on International Organization at San Francisco in April-June 1945. "It is perhaps significant that health was overlooked by those responsible for the draft" (*Lancet*, 1945), but this was rectified by Dr. G. H. de Paula Souza and Dr. S. Sze of the Brazilian and Chinese delegations, who succeeded in having health recognized as a field with which UN should concern itself (Art. 55) and envisaging the establishment by inter-governmental agreement of a specialized health agency with wide powers (Art. 57).

Brazil and China also introduced and succeeded in carrying unanimously a declaration calling attention to the need for the early establishment of such a health organization and recommending that it be brought into relationship with the Economic and Social Council (*WHO Off. Rec.* No. 1, p. 39).

Accordingly the Economic and Social Council at its first session in February 1946, adopted a resolution convening an international health conference to meet not later than 20th June, 1946, and establishing a technical preparatory committee of sixteen named experts from sixteen countries to meet in Paris not later than 15th March, 1946. (The USSR asked for further delay but this was not accepted and no Russian delegate was nominated on the technical preparatory committee.) Representatives of existing organizations, i.e. the PASO, OIHP, League Health Organization and UNRRA were to attend in a consultative capacity.

Fac-simile de N. M. Goodman: *International Health Organizations*. Philadelphia. The Blakiston Co., 1952, p. 153.

2. CONFÉRENCE INTERNATIONALE DE LA SANTÉ.
NEW YORK, 1946.

Débats et Actes finaux...

(*Fac-simile da introdução*: 1. Circonstances qui ont déterminé la convocation de la Conférence Internationale de la Santé; 2. Ouverture de la Conférence; 3. Travaux de la Conférence).

ACTES OFFICIELS
DE
L'ORGANISATION MONDIALE
DE LA SANTÉ

N° 2

DÉBATS
ET
ACTES FINAUX
DE LA
CONFÉRENCE INTERNATIONALE DE LA SANTÉ
TENUE A NEW-YORK DU 19 JUIN AU 22 JUILLET 1946

Nations Unies
ORGANISATION MONDIALE DE LA SANTÉ
Commission Intérimaire

350, Fifth Avenue, New-York

JUIN 1948

Palais des Nations, Genève

I. INTRODUCTION

1. Circonstances qui ont déterminé la convocation de la Conférence Internationale de la Santé¹.

C'est en 1945, à San-Francisco, à la Conférence des Nations Unies sur l'organisation internationale, que fut proposée la réunion d'une conférence internationale en vue de l'établissement d'une nouvelle organisation mondiale de la santé. La Conférence, reconnaissant l'importance vitale de la santé comme l'un des facteurs nécessaires à la réalisation des « conditions de stabilité et de prospérité » dans tous les pays du monde, considéra la « santé » comme étant l'une des activités rentrant dans le champ de coopération des Nations Unies et de ses organismes. Les articles 13, 55 et 59 de la Charte envisagèrent la création, par accords intergouvernementaux, d'une institution spécialisée des Nations Unies, qui aurait de vastes responsabilités internationales dans tous les domaines concernant la santé.

Les Etats représentés à la Commission II/3 de la Conférence adoptèrent à l'unanimité la déclaration ci-après², présentée conjointement par les délégations du Brésil et de la Chine :

« Les délégations du Brésil et de la Chine recommandant qu'une conférence générale soit convoquée dans les prochains mois en vue de l'établissement d'une organisation internationale de la santé.

« Elles ont l'intention de consulter les représentants d'autres délégations afin de s'entendre sur la convocation, à une date rapprochée, d'une telle conférence, à laquelle chacun des Gouvernements représentés ici sera invité à envoyer des représentants.

« Elles recommandent que, lors de l'élaboration d'un plan visant l'Organisation Internationale de la Santé, il soit procédé à un examen approfondi des méthodes à suivre à l'égard d'une telle organisation, pour l'amalgamer à d'autres institutions, nationales ou internationales, qui existent déjà ou qui pourraient être créées ultérieurement dans le domaine de la santé.

« Elles recommandent que l'Organisation Internationale de la Santé, qui est l'objet de la présente proposition, soit rattachée au Conseil Economique et Social. »

Etant donné le désir exprimé par tous que la conférence ci-dessus proposée se réunisse à une date rapprochée, on a demandé au Gouvernement des Etats-Unis de remplir le rôle de pays invitant. Etant donné que le Conseil Economique et Social allait bientôt être créé, il fut décidé que la conférence serait convoquée par le Conseil, conformément à l'article 62 de la Charte.

Une résolution à cet effet fut adoptée le 15 février 1946 par le Conseil Economique et Social³. Conformément au paragraphe 3 de cette résolution, le Conseil a établi une commission technique

préparatoire d'experts et a décidé que cette Commission se réunirait à Paris le 15 mars 1946 au plus tard, afin de préparer un projet d'ordre du jour et des propositions en vue d'une constitution, qui serait soumise à l'examen de la Conférence Internationale de la Santé qui se tiendra au plus tard le 20 juin 1946.

La Commission technique préparatoire délibéra à Paris du 18 mars au 5 avril 1946⁴; elle réunissait seize spécialistes de la santé publique agissant en tant qu'experts, et les représentants de quatre organisations convoqués à titre de conseillers. La Commission considéra spécialement certaines propositions concrètes suggérées par les représentants de la France, des Etats-Unis d'Amérique, du Royaume-Uni et de la Yougoslavie. Sur ces bases, la Commission élaborera une série de projets constitutionnels, en même temps qu'un projet annoté d'ordre du jour pour être soumis à la Conférence Internationale de la Santé.

La Commission, considérant le caractère mondial de la lutte contre les maladies et la nécessité de créer des niveaux de santé plus élevés pour tous les peuples, se montra en faveur d'une représentation aussi universelle que possible au sein de la Conférence. Il fut alors décidé de demander au Conseil Economique et Social que les Etats non membres des Nations Unies, les Autorités alliées de Contrôle en Allemagne, au Japon et en Corée, et plusieurs organisations internationales, privées ou intergouvernementales, intéressées à la santé, soient invités à envoyer des observateurs à la Conférence. De plus, la Commission proposa que chaque Etat invité à la Conférence autorise ses représentants à signer l'accord intergouvernemental qui établirait l'Organisation Mondiale de la Santé, en même temps que le protocole qui faciliterait l'absorption de l'Office International d'Hygiène Publique par l'Organisation Mondiale de la Santé. Dans son rapport au Conseil, la Commission ajouta des recommandations concernant le transfert à l'Organisation Mondiale de la Santé des fonctions exercées par l'Organisation d'Hygiène de la Société des Nations, et des travaux du temps de paix de la Division de la Santé de l'Administration des Nations Unies pour les Secours et la Réhabilitation.

Au cours de la deuxième session tenue à New-York (mai-juin 1946), le Conseil Economique et Social prit note du rapport de la Commission technique préparatoire et adopta le 11 juin une résolution⁵ a) approuvant les recommandations de la Commission, et b) transmettant à la Conférence Internationale de la Santé les diverses observations faites par les membres du Conseil concernant le projet de Constitution.

2. Ouverture de la Conférence.

La Conférence Internationale de la Santé a tenu sa séance d'ouverture à l'hôtel Henry Hudson, à New-York, le 19 juin 1946, sous la

¹ Voir aussi *Actes off. OMS*, n° 1, Procès-verbaux de la Commission technique préparatoire de la Conférence Internationale de la Santé.

² Voir la *Conférence des Nations Unies sur l'organisation internationale*, II/3/32, document 614.

³ Voir *Actes off. OMS*, n° 1, pages 39-40.

⁴ Pour la liste des membres de la Commission, voir *Actes off. OMS*, n° 1, pages 39-40.

⁵ Pour le texte de la résolution, voir page 119.

présidence de Sir Ramaswami Mudaliar (Inde), Président du Conseil Economique et Social. Les délégations de tous les Etats Membres des Nations Unies étaient représentées. De plus, assistaient à cette séance les observateurs de treize Etats non membres des Nations Unies, des Autorités alliées de contrôle en Allemagne, au Japon et en Corée, et de dix organisations internationales intéressées aux questions de santé ¹.

A la séance plénière d'ouverture, un discours de bienvenue fut adressé à la Conférence par M. Trygve Lie, Secrétaire général, au nom de l'Organisation des Nations Unies, et par le Professeur Henri Laugier, Secrétaire général adjoint chargé des questions sociales. Mr. John G. Winant, représentant des Etats-Unis d'Amérique au Conseil Economique et Social, transmit aux délégués un message de bienvenue du Président des Etats-Unis.

Le 20 juin, au cours de la deuxième séance de la Conférence, le Dr Thomas Parran, président de la délégation des Etats-Unis d'Amérique, fut élu à l'unanimité Président de la Conférence. Les cinq délégués suivants furent à leur tour, élus comme Vice-Présidents de la Conférence : le Dr Geraldo H. de Paula Souza (Brésil), le Dr James Kofor Shen (Chine), le Dr André Cavaillon (France), Sir Wilson Jameson (Royaume-Uni), et le Dr F. G. Krotkov (Union des Républiques Socialistes Soviétiques).

Le Dr Brock Chisholm (Canada), Rapporteur de la Commission technique préparatoire, présenta le rapport de la Commission à la Conférence. Les travaux préliminaires de la Conférence consistèrent en une succession de déclarations exprimant les vues générales des délégués au sujet des activités de la Conférence, l'adoption du règlement intérieur et de l'ordre du jour, et l'établissement de cinq commissions de travail et d'une commission générale. Du 23 juin à la clôture de la session, les séances eurent lieu à Hunter College, siège provisoire des Nations Unies.

3. Travaux de la Conférence.

L'examen détaillé du projet de constitution soumis par la Commission technique préparatoire fut renvoyé par la Conférence à ses cinq commissions de travail, chaque commission siégeant en qualité de commission plénière ². Pour rendre plus facile l'accomplissement de sa tâche, chaque commission de travail a élu l'un de ses membres comme Rapporteur et a nommé une petite sous-commission de rédaction.

La Commission générale, composée du Président et des Vice-Présidents de la Conférence, des

présidents des cinq commissions de travail et de trois autres membres élus par la Conférence, servit de groupe de liaison entre la Conférence et ses diverses commissions et en dirigea les travaux. Au cours de la dernière partie de la Conférence, une commission centrale de rédaction fut établie par la Commission générale et chargée de la rédaction, et de la coordination des rapports et des recommandations soumis par les commissions de travail ¹.

Pendant quatre semaines (du 23 juin au 19 juillet), les cinq commissions de travail ont tenu en tout quarante-deux séances. De nombreuses séances des sous-commissions de rédaction et de certaines sous-commissions mixtes vinrent s'ajouter aux séances de la Commission générale.

A la fin de la Conférence, les rapports des commissions de travail furent soumis à la Conférence pour examen et approbation, et ensuite à la Commission centrale de Rédaction pour rédaction finale. La Conférence, siégeant en séance plénière, adopta avec quelques modifications le rapport général de la Commission centrale de Rédaction, rédigé en anglais et en français.

Le 22 juillet, au cours des cérémonies de clôture à l'Hôtel Henry Hudson, les textes en anglais et en français des quatre Actes finaux furent officiellement approuvés par la Conférence ; les textes dans les cinq langues officielles des Nations Unies, furent ensuite signés.

Les Actes finaux furent les suivants ² :

1. Acte final de la Conférence Internationale de la Santé (signé par soixante et un Etats, cinquante-neuf sans réserve quant à l'acceptation).
2. Constitution de l'Organisation Mondiale de la Santé (signée par soixante et un Etats, deux sans réserve quant à l'acceptation).
3. Arrangement (établissant une commission intérimaire) conclu par les gouvernements représentés à la Conférence Internationale de la Santé (signé par soixante et un Etats, quarante-sept sans réserve quant à l'acceptation).
4. Protocole relatif à l'Office International d'Hygiène Publique (signé par soixante Etats, dix-huit sans réserve quant à l'acceptation).

La Constitution de l'Organisation Mondiale de la Santé entrera en vigueur lorsque vingt-six Etats Membres des Nations Unies en seront devenus parties, conformément aux dispositions de l'article 79.

¹ Pour la liste complète des délégations et des observateurs, voir pages 7 à 12. Les Etats suivants ont aussi été invités à envoyer des observateurs mais n'étaient pas représentés : Afghanistan, Roumanie, Yémen.

² Les titres, mandats et fonctionnaires des commissions de travail sont indiqués pages 13 à 15.

¹ Pour la liste des membres de la Commission centrale de Rédaction, voir page 15.

² Pour le texte de ces quatre Actes finaux, voir partie V.

3. ASSEMBLEE MONDIALE DE LA SANTÉ, 1ère,
Genève, 1948.

Séances Plénières...

(*Fac-simile* de Ouverture de la session par le Président de la Commission Intérimaire de l'Organisation Mondiale de la Santé et souhaits de bienvenue aux délégations et aux observateurs).

ACTES OFFICIELS
DE
L'ORGANISATION MONDIALE DE LA SANTÉ
N° 13



PREMIÈRE ASSEMBLÉE
MONDIALE DE LA SANTÉ

GENÈVE, DU 24 JUIN AU 24 JUILLET 1948

SÉANCES PLÉNIÈRES
Comptes rendus in extenso

COMMISSIONS PRINCIPALES
Procès-verbaux et rapports

RÉSUMÉ DES RÉOLUTIONS ET DÉCISIONS

ORGANISATION MONDIALE DE LA SANTÉ

Palais des Nations, Genève

Décembre 1948

Prix : Francs suisses 2.—

II. COMPTES RENDUS IN EXTENSO DES SÉANCES PLÉNIÈRES

PREMIÈRE SÉANCE PLÉNIÈRE

*Jeu*di 24 juin 1948, 11 heures

Président par intérim: Dr Andrija STAMPAR (Yougoslavie),
Président de la Commission Intérimaire

SOMMAIRE

1. OUVERTURE DE LA SESSION PAR LE PRÉSIDENT DE LA COMMISSION INTÉrimAIRE DE L'ORGANISATION MONDIALE DE LA SANTÉ ET SOUHAITS DE BIENVENUE AUX DÉLÉGATIONS ET AUX OBSERVATEURS
2. DISCOURS DU CHEF DU DÉPARTEMENT DE L'INTÉRIEUR DE LA CONFÉDÉRATION SUISSE
3. DISCOURS DU DIRECTEUR DE L'OFFICE EUROPÉEN DES NATIONS UNIES
4. ADOPTION DU RÈGLEMENT INTÉRIEUR PROVISOIRE
5. CONSTITUTION DE LA COMMISSION DE VÉRIFICATION DES POUVOIRS
6. CONSTITUTION DE LA COMMISSION DES DÉSIGNATIONS
7. PUBLICATION D'UN JOURNAL DE L'ASSEMBLÉE
8. COMMUNICATIONS DU PRÉSIDENT PAR INTÉrim

1. Ouverture de la session par le Président de la Commission Intérimaire de l'Organisation Mondiale de la Santé et souhaits de bienvenue aux délégations et aux observateurs

Le PRÉSIDENT par intérim (*traduction de l'anglais*): Plus de deux ans se sont écoulés depuis que les représentants de plus de 60 nations se sont réunis à New-York à la Conférence Internationale de la Santé et, sur la proposition des représentants de la Chine et du Brésil, ont décidé d'établir l'Organisation Mondiale de la Santé. La Conférence Internationale de la Santé a confié à la Commission Intérimaire de l'Organisation Mondiale de la Santé, aux destinées de laquelle j'ai eu l'honneur de présider pendant ces deux années, l'administration des affaires de l'Organisation jusqu'à la convocation de la première Assemblée Mondiale de la Santé.

Les objectifs formulés dans la Constitution de l'Organisation Mondiale de la Santé ont servi de guide à la Commission Intérimaire dans ses efforts en vue d'améliorer la santé sur le plan international et d'amener les peuples du monde à un niveau de santé plus élevé. Un rapport exposant les activités de la Commission et montrant dans quel esprit elle a accompli sa tâche a été soumis aux délégations. Si vous voulez lui rendre pleine et entière justice, il faut vous rappeler l'atmosphère générale dans laquelle se sont déroulés les travaux de la Commission, ainsi que les moyens dont elle disposait.

Il existe de grandes traditions dans le domaine de l'action sanitaire internationale. L'Organisation Mondiale de la Santé a hérité certaines obligations d'organismes internationaux préexistants qui s'occupaient de ces questions. L'Organisation d'Hygiène de la Société des Nations a tenu bon nombre de ses réunions dans les salles de cet édifice. Les fonctions de l'Office International d'Hygiène Publique ont été reprises par la Commission Intérimaire, conformément à l'accord conclu avec cette institution, et une action se poursuit visant à fusionner les organismes sanitaires internationaux qui existaient auparavant, de façon à créer une seule et unique organisation mondiale

de la santé, qui englobera tout ce qui touche aux relations internationales en matière de santé, en vertu des traités, des conventions et des accords.

Bien que la Conférence Internationale de la Santé de New-York ait été animée d'un esprit de véritable compréhension des questions relatives à la santé, et qu'elle ait été guidée par l'optimisme et par la profonde conviction que l'Organisation Mondiale de la Santé deviendrait permanente à bref délai, il s'est néanmoins écoulé deux ans avant que le nombre voulu d'Etats aient ratifié la Constitution de l'Organisation Mondiale de la Santé. Les membres de la Commission Intérimaire ont souvent été, de ce fait, entravés dans leurs travaux, mais ils n'ont jamais perdu la foi en leur cause. Aujourd'hui, nous constatons que cette persévérance était justifiée, et cette imposante assemblée de délégués, de représentants et d'observateurs, venus de tant de pays et de tant d'organisations du monde, pour assister à cette Assemblée, en est un témoignage.

La Commission Intérimaire parviendra bientôt au terme de son activité, et je tiens à saisir cette occasion pour souligner un point. Au cours de l'existence relativement longue de la Commission, ses travaux n'ont jamais été entravés par de graves désaccords et toutes les divergences d'opinions ont été réglées à l'amiable.

La Commission s'est rarement vue dans la nécessité de trancher une question par un vote.

Les membres de la Commission Intérimaire avaient conscience de représenter tous les pays qui avaient pris part à la Conférence Internationale de la Santé à New-York, et ils considéraient de leur devoir de traiter les questions sanitaires internationales de la manière qu'ils croyaient être la meilleure, en ne perdant jamais de vue les intérêts de la santé mondiale.

C'est, pour moi, un privilège de vous souhaiter à tous, délégués, représentants et observateurs, une cordiale bienvenue, au nom de la Commission Intérimaire, et de déclarer ouverte la première Assemblée Mondiale de la Santé.

Nous avons l'honneur de saluer la présence à la première Assemblée Mondiale de la Santé de M. Etter, Conseiller fédéral, Chef du Département de l'Intérieur de la Confédération suisse, qui représente le pays dont nous serons les hôtes pendant les cinq semaines que durera cette Assemblée. J'ai, en outre, l'honneur de souhaiter la bienvenue à M. Moderow, représentant des Nations Unies à Genève. J'adresse aux délégués tous mes meilleurs vœux, en leur souhaitant un séjour fructueux et agréable en cette ville, célèbre pour le rôle qu'elle a joué et qu'elle joue encore dans les affaires internationales, et j'ai l'honneur de saluer ici le Vice-Président du Conseil d'Etat, le Chancelier de la République et Canton de Genève et le Président du Conseil administratif de la Ville de Genève.

Je prie maintenant les délégués de bien vouloir aborder la discussion des questions dont nous sommes saisis, dans l'esprit de confiance mutuelle, d'amitié et de coopération qui a été celui des réunions de la Commission Intérimaire.

BIBLIOGRAFIA DO HOMENAGEADO

BIBLIOGRAFIA DO PROFESSOR GERALDO HORÁCIO DE PAULA SOUZA*

1909-1951

1. Preparo de caldo como meio de cultura, por R. Hottinger e Geraldo de Paula Souza. *Rev. Soc. scient. S. Paulo*, 4: 80-86, abr.-agô., 1909.
2. Estudo das condições mais favoráveis para o bacilo colli produzir fluorescência em um caldo glucosado pelo neutrabrothno no Laboratório de Zoothecnia [por] R. Hothinger [?] e Geraldo H. de Paula Souza. (*In* Annuario da Escola Polytécnica de São Paulo, Diário Oficial, 1910. p. 59-62)
3. Estudos biológicos sobre o rio Tietê: 1.^a comunicação [por] R. Hottinger e Geraldo de Paula Souza. (*In* Annuario da Escola Polytécnica de São Paulo, 1912. São Paulo, Diário Oficial, 1913. p. 167-173)
4. Contribuição ao estudo da auto depuração de nossos rios, especialmente do Tietê. Rio de Janeiro, 1913. (Tese inaugural — Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro)
5. Sobre o tratamento da epilepsia pelo veneno de cascavel. *An. paul Med. Cirurg.*, 2 (2): 33-41, fev. 1914.
6. Acção do chloro molecular sobre o organismo: nota preliminar. *An. paul. Med. Cirurg.*, 5 (2/4): 114-119, agô./out., 1915.
7. Pseudo-areia intestinal. *An. paul. Med. Cirurg.*, 6 (5): 114-115, maio, 1916.
8. Notas sobre o 914. *An. paul. Med. Cirurg.*, 7 (6): 158-159, dez. 1916.
9. Como se deve, racionalmente, preparar o caldo de cultura. *Rev. Med.*, 1 (1): 10-18, jul., 1916; 1 (5/6): 313-323, jul., 1917.
Resumo de Hottinger, R. Nachprüfung und Kritik der üblichen Bouillonbereitung... *Centralbl. f. Bakt. I. Abt. Originale*, 67 (3): 178-206, Dez., 1912.
10. Notas sobre uma visita a acampamentos de índios Caingangs. *Rev. Museu paul.*, 10: 739-758, 1918.
11. Calculose urinaria da primeira infância: contribuição para o seu estudo no Estado de S. Paulo [por] Rezende Puech e G. Paula Souza. *An. paul. Med.* 9 (3): 49-64, mar., 1918; 9 (4): 73-88, abr. 1918.

* Esta bibliografia foi compilada com a colaboração de dona Odila Cintra Gomes da Biblioteca da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP.

12. A study of the factors which interfere with the use of yeast as a test organism for the antineuritic substance, by Geraldo de Paula Souza and E. V. McCollum. *J. biol. Chem.*, 44 (1): 113-129, Oct. 1920.
13. O ensino médico no Brasil e nos Estados Unidos (conferência). *Bol. Soc. Med. Cirurg.*, 3 (8/12): 277-288, out./fev., 1920/1921.
14. Ensaio de calorimetria alimentar. I - Poder calorífico de algumas substâncias alimentares da cozinha paulista [por] G. H. de Paula Souza e Luiz A. Wanderley. São Paulo, 1921. 8p. (Instituto de Higiene. *Bol.* 6).
15. [Discussão sobre a epidemiologia da encefalite epidêmica e proposta para incluí-la no Código Sanitário do Estado como moléstia de notificação compulsória] (In Piza, J. de T. Encefalite epidêmica (comunicação) *Bol. Soc. Med. Cirurg. S. Paulo*, 4 (3): 66-67, maio, 1921.
16. Modernos serviços de assistência médica (comunicação) *Bol. Soc. Med. Cirurg. S. Paulo*, 4 (10): 264-266, dez. 1921.
17. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Secretario do Interior pelo Dr. G. H. de Paula Souza, Director Geral do Serviço Sanitário [do Est. de S. Paulo] 1922. [São Paulo, 1922] 15p. + 56p., graf. tabelas etc. [datilografado]
18. O Estado de São Paulo e alguns dos seus serviços de saúde pública. *An. paul. Med. Cirurg.*, 14 (12): 169-190, dez. 1923.; *Instituto de Higiene, Bol.* 17, 1923, 24p.
19. Algumas considerações sobre a mortalidade infantil em São Paulo. São Paulo [1923] 37p. (Instituto de Higiene. *Bol.* 18) Extraído dos *An. paul. Med. Cirurg.* 14 (12): 191-225, dez. 1923.
20. Serviço de estatística sanitária. São Paulo [1924] 21 p. + 6 tabs. (Instituto de Higiene. *Bol.* 19) Reimpresso da *Sciencia med.*, n. 7, 31-1-1924.
21. Sugestão para a melhoria da legislação sanitária estadual, sobre generos alimentícios [por] G. H. de Paula Souza e Nicolino Morena. São Paulo, 1924. 42p. (Instituto de Higiene. *Bol.* 20).
22. Tratamento do diabete pela insulina [por] A. Almeida Prado e Paula Souza. *Bol. Soc. Med. Cirurg. S. Paulo*, 7 (1): 6, mar. 1924.
23. Obras de saneamento urbano no Brasil (parecer) (In Congresso Brasileiro de Higiene. 3.º, São Paulo, 1926. Anais... p. 698/A-698/B)
24. Os centros de saúde na organização sanitária do Estado de São Paulo. (In Congresso Brasileiro de Higiene. 3.º São Paulo, 1926. Conferências pronunciadas... São Paulo, 1927. p. 59-86).

25. Exposição de motivos sobre o problema da prophylaxia da lepra no Estado de São Paulo. São Paulo, Copag, 1926. [116] p. plantas, diagrs.?
26. Sobre um novo methodo utilisável na fiscalização do leite (nota prévia) *Rev. Biol. Hyg.* 1 (1): 52-55, 1927.
27. Organização da hygiene pública: exposição de motivos sobre o projeto da reorganização do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, em Julho de 1925. *Folha med.*, 8 (21): 251-253, nov., 1927; 8 (22): 267-270, nov. 1927; 8 (23): 278-281, dez. 1927.
28. Custo de um programma de saúde pública: final da exposição de motivos apresentada ao Governo do Estado, por ocasião da última reforma do Serviço Sanitário em Julho de 1925. *Folha med.*, 8 (23): 278-281, dez. 1927.
Ref. completa no item anterior.
29. Eugenia e imigração. *Folha med.*, 9 (6): 65-67, fev., 1928.
30. L'Organisation sanitaire de l'Etat de São Paulo (conferencia) *Mouvement sanit.*, 4 (51): 424-432, Juil. 1928; 4 (52): 497-505, Août., 1928; 4 (54): 632-651, Oct. 1928.
31. Acção oligodynamica da prata (nota prévia) *An. paul. Med. Cirurg.*, 21 (1): 18, jan. 1930.
32. Deverão os serviços de proteção e hygiene da criança ser entregues aos estados ou ficar subordinados à administração federal? (*In* São Paulo na Conferencia Nacional de Proteção à Infância, 1933. São Paulo. Imprensa Oficial, 1934. p. 461-473)
33. Qual a melhor organização e orientação dos serviços de hygiene escolar? Deverão fazer parte dos serviços de saúde pública ou ficar subordinados à direção da instrução? [por] G. H. de Paula Souza e Francisco Borges Vieira. (*In* São Paulo na Conferencia Nacional de Proteção à Infância, 1933. São Paulo, Imprensa Oficial, 1934. p. 481-490); *Rev. Hig. Saúde públ.*, 8 (4): 113-123, abr. 1934.
34. A mortalidade nas crianças de 1 a 4 anos e suas principais causas em São Paulo [por] G. H. de Paula Souza e F. Borges Vieira. *Rev. Hig. Saúde públ.*, 8 (10): 317-328, out. 1934.
35. A mortalidade nos escolares e suas principais causas no município de São Paulo: o papel da tuberculose [por] F. Borges Vieira, G. H. de Paula Souza e Mario Mesquita. *Rev. Hig. Saúde públ.*, 8 (12): 395-412, dez. 1934.
36. Inquerito sobre a alimentação popular em um bairro de São Paulo [por] G. H. de Paula Souza, A. de Ulhôa Cintra e Pedro Egydio de Carvalho. São Paulo, 1935. 58p. (Instituto de Higiene. Bol. 58)

37. Em torno do problema da febre amarela (conferência) São Paulo, 1935. 40p. (Instituto de Higiene. Bol. 56) Separata do *São Paulo med.* 7-1 (5/6) maio/jun. 1935.
38. Centro de saúde "eixo" de organização sanitária [por] G. H. de Paula Souza e F. Borges Vieira. São Paulo, 1936. 60p. (Instituto de Higiene. Bol. 59)
39. Instalações de assistência alimentar. (In São Paulo. (Estado) Secretaria da Educação e Saúde Pública. Diretoria do Ensino. Novos prédios para grupo escolar... São Paulo, 1936, p. 98-106).
40. Estudos relativos à vitamina C [por] Geraldo H. Paula Souza *et alii*. *Rev. Bras. Quím.*, 1 (5): 193-201, maio 1936.
41. Assistência à maternidade e à infância na zona rural (conferência). *São Paulo méd.*, 9-II (4): 263-283, out. 1936; 9-III (5/6): 349-363, nov./dez., 1936.
42. Aspectos do problema da água de alimentação em S. Paulo, em 1925. *Arq. Hig. Saúde públ.*, 1 (2): 109-124, dez. 1936.
43. Seguro social e higiene pública. *Arq. Hig. (Rio de J.)* 8 (2): 263-270, nov. 1938.
44. Sobre o teor em próvitaminas A de alguns óleos brasileiros (nota prévia) [por] G. H. Paula Souza e Alex. Wancolle. *Rev. paul. Med.*, 14 (3): 163-166, mar. 1939.
45. Ensaios de calorimetria alimentar, II [por] G. H. de Paula Souza, Alexandre Wancolle e Rolando H. Barsotti. São Paulo, 1940. 10p. (Instituto de Higiene. Bol. 70)
46. Ribas: pioneiro de renovação sanitária no Brasil... São Paulo, 1941. 22p. (Instituto de Higiene. Bol. [74])
47. A sabedoria chinesa diante da ciência ocidental e a escola médica de Pequim (conferência) [São Paulo] São Paulo. Ed. Ltda. [1943]
48. Alimentos no Brasil (conferência. *Fichário méd. terap. Labofarma* 5 (32) 1-16, out/dez. 1943.
49. Projeto "Paula Souza". Reorganiza o Instituto de Higiene de São Paulo (Escola de Higiene e Saúde Pública do Estado), que passa a denominar-se Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo. (In Projeto de transformação do Instituto de Higiene de São Paulo em Faculdade de Higiene e Saúde Pública do Estado [São Paulo, 1944] p. 3-7 [mimeografiado])
50. Digressões sobre a medicina chinesa clássica (conferência) *São Paulo méd.* 17-I (4): 137-185, abr. 1944.

51. Hospitais especializados. . . *Rev. Med.-soc.*, 2 (16): 16-23, mar., 1944;
2 (17): 59-70, abr.-maio, 1944.
52. History of international sanitary conventions, 1944. *Epid. Inform. Bull.*
1 (1): 5-12, Jan. 1945.
53. Today's global frontiers in public health. *Amer. J. publ. Health*, 35 (2):
111-114, Feb. 1945.
54. Expert Commission on Quarantine [UNRRA] *Epidem. Inform. Bull.* 1 (8):
329-333, May 1 1945.
55. Yellow fever areas. *Epidem. Inform. Bull.*, 1 (16): 693-700, Sept. 1 1945.
56. Agência Internacional de Saúde: memorando apresentando pela Dele-
gação do Brasil em 14 de maio de 1945 à Conferência das Nações
Unidas para a Organização Internacional [realizada em São Fran-
cisco em maio de 1945]. (Doc. 385 - Inglês); 11-3-37; 17 de maio
de 1945; 11ª Comissão, 3.º Comitê — Cooperação Econômica e So-
cial) (In Souza, Geraldo H. de Paula. A Organização Mundial da
Saúde. [Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948] p. 51-56).
57. Declaração conjunta das delegações do Brasil e da China relativa à coope-
ração em matéria de saúde internacional (Doc. 614-11-3-32 de 26 de
maio de 1945) [apresentada à Conferência da Organização Interna-
cional das Nações Unidas, realizada em São Francisco, EE.UU., em
maio de 1945], (In Souza, Geraldo H. de Paula. A Organização
Mundial da Saúde. [Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948]
p. 10-11. Ministério das Relações Exteriores, Doc. V)
58. [Discurso pronunciado no plenário da Assembléia Geral da Organização
Internacional das Nações Unidas, realizada em São Francisco, em
maio de 1945 (Segunda Comissão, Terceiro Comitê. Cooperação
Econômica e Social) justificando a Declaração Conjunta das De-
legações do Brasil e da China relativa à cooperação em matéria de
saúde internacional] (In Souza, Geraldo H. de Paula. A Organi-
zação Mundial de Saúde. [Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948]
p. 11-13. Ministério das Relações Exteriores, Doc. V)
59. Formação de técnicos para os serviços de saúde pública [por] Geraldo
Horácio de Paula Souza e Francisco Borges Vieira. *Rev. Hig. Saúde
 públ.*, 6 (1): 30-38, jan./mar. 1948.
60. Discours du Dr. de Paula Souza (Brésil) [dans la] Neuvième Séance
Plénière de la Commission Intérimaire de l'Organisation Mondiale
de la Santé, 29 de juin 1948 (In OMS. Assemblée Mondiale de la
Santé. Ière, Genève, 1948, p. 70-71. Actes Officiels n.º 13)

61. Professional training of medical and public health personnel... background information transmitted by Brasil. São Paulo, 1951] 5p. (datilografado)

Este trabalho foi apresentado à 4ª Assembléia Mundial da Saúde, realizada em Genebra em maio de 1951, pelo Dr. Manuel Ferreira, delegado do Brasil, em virtude do falecimento inesperado do Autor, na véspera de sua partida para Genebra.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Páginas

Frontispício — Retrato do Prof. Geraldo Horácio de Paula Souza.

Fig. 1 — Inauguração da herma do Prof. Geraldo Horácio de Paula Souza	7
2 — William Welch, fundador e Diretor da Escola de Higiene e Saúde Pública da Universidade de Johns Hopkins, e seus companheiros de Conselho Consultivo	17
3 — Assinatura das convenções sanitárias internacionais de 1944, Washington, D. C., 1-5-1945	45

Fac-similes

Notas do 1.º curso de higiene, Ministrado em 1865, por Pettenkofer em Munique, escritas por W. Welch	19
Hommage rendu au Dr de Paula Souza [na 4.ª Assembléia Mundial da Saúde, Genebra, 1951]	61,62
Carta do Ministro Hélio Lobo (Brasil)	65
Carta do Dr. U. Chaussinand (França)	67
Carta do Dr. M. Goudsmith (Países Baixos)	69
Carta do Prof. René Sand (Bélgica)	71
Carta do Prof. W. G. Smillie (E.E. U.U.)	73
Carta do Dr. Ezming Sze (China)	75,77
Carta do Dr. A. Wauter (França)	79
World Health Organization: origins	85
Conférence Internationale de la Santé. 1ère, New York, 1946. Débats et Actes finaux (capa e pgs. introdutórias)	89,91,93
Assemblée Mondiale de la Santé. 1ère, Genève, 1948. Séances plénières (capa e 1.ª pg.)	97,99

